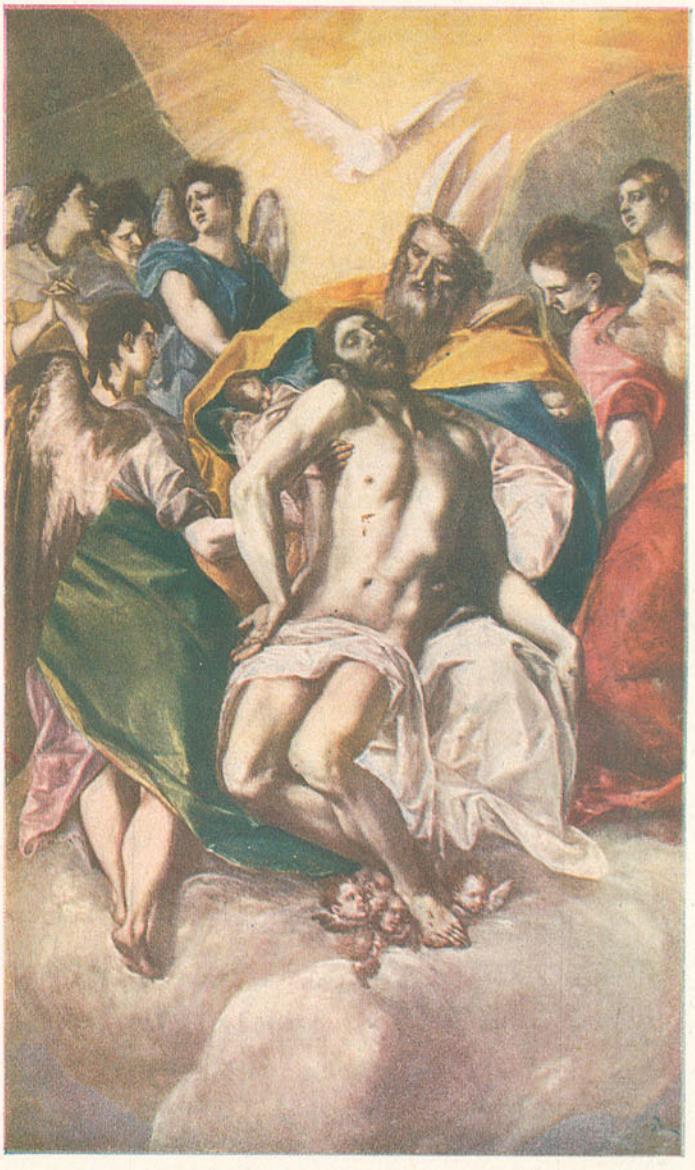
ILUSTRAÇÃO

N.º 319 — 14.º ano



CRISTO MORTO

(Quadro de EL GRECO)

1-ABRIL-1939

PREÇO-5 escudos

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editôres, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

A leitura dos romances de JULIO VERNE distrai, instrue e faz meditar, constituindo FORMIDÁVEL EXERCÍCIO DE INTELIGÊNCIA

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10$00

1 — **Da terra à lua,** viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.

2 — **Á roda da lua,** trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.

3 — **A volta ao mundo em oitenta dias,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Aventuras do capitao Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:

4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.

5 — 2.ª parte — *O deserto de gêlo.* 1 vol.

6 — **Cinco semanas em balão,** trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.

7 — **Aventuras de três russos e três ingleses,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

8 — **Viagem ao centro da terra,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:

9 — 1.ª parte — *América do Sul* 1 vol.

10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional.* 1 vol.

11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico.* 1 vol.

Vinte mil léguas submarinas:

12 — 1.ª parte — *O homem das águas,* trad. de Gaspar Borges de Avelar.

13 — 2.ª parte — *O fundo do mar,* trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.

A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:

14 — 1.ª parte — *Os náufragos do ar.* 1 vol.

15 — 2.ª parte — *O abandonado.* 1 vol.

16 — 3.ª parte — *O segrêdo da ilha.* 1 vol.

Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:

17 — 1.ª parte — *O correio do Czar.* 1 vol.

18 — 2.ª parte — *A invasão.* 1 vol.

O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:

19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860.* 1 vol.

20 — 2.ª parte — *A ilha errante.* 1 vol.

21 — **Uma cidade flutuante,** trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.

22 — **As Índias negras,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:

23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico.* 1 vol.

24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa.* 1 vol.

25 — **O Doutor Ox,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:

26 — 1.ª parte — *A viagem fatal.* 1 vol.

27 — 2.ª parte — *Na África.* 1 vol.

28 — **A galera Chancellor,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

29 — **Os quinhentos milhões da Begun,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

30 — **Atribulações de um chinês na China,** trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.

A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:

31 — 1.ª parte — *A chama errante.* 1 vol.

32 — 2.ª parte — *A ressuscitada.* 1 vol.

A jangada, trad. de Pompeu Garrido.

33 — 1.ª parte — *O segrêdo terrível.* 1 vol.

34 — 2.ª parte — *A justificação.* 1 vol.

As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:

35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 1.º vol.

36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 2.º vol.

37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.

38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.

39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.

40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.

41 — **A escola dos Robinsons,** trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.

42 — **O raio verde,** trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.

Kéraban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:

43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari.*

44 — 2.ª parte — *O regresso.* 1 vol.

45 — **A estrêla do sul,** trad. de Almeida de Eça. 1 vol.

46 — **Os piratas do arquipélago,** trad. de João Maria Jales. 1 vol.

Matias Sandorff:

47 — 1.ª parte — *O pombo correio.* 1 vol.

48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux.* 1 vol.

49 — 3.ª parte — *O passado e o presente.* 1 vol.

50 — **O náufrago do «Cynthia»,** trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.

51 — **O bilhete de lotaria n.º 9:672,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

52 — **Robur, o Conquistador,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:

53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar.* 1 vol.

54 — 2.ª parte — *Justiça.* 1 vol.

55 — **O caminho da França,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:

56 — 1.ª parte — *A escuna perdida.* 1 vol.

57 — 2.ª parte — *A colónia infantil.* 1 vol.

Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:

58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor.* 1 vol.

59 — 2.ª parte — *O padre Johann.* 1 vol.

60 — **Fora dos eixos,** trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.

Cesar Cascabel:

61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente,* trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.

62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo,* trad. de Lino de Assunção. 1 vol.

A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:

63 — 1.ª parte — *A' procura dos náufragos.* 1 vol.

64 — 2.ª parte — *Deus dispõe.* 1 vol.

65 — **O castelo dos Carpathos,** trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.

66 — **Em frente da bandeira,** trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.

A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:

67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões.* 1 vol.

68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.

69 — **Clovis Dardentor,** trad. de Higino de Mendonça. 1 vol.

A esfinge dos gêlos, trad. de Napoleão Toscano:

70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais.* 1 vol.

71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro.* 1 vol.

72 — **A carteira do repórter,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:

73 — 1.ª parte — *O filho do coronel.* 1 vol.

74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor.* 1 vol.

75 — **Um drama na Livónia,** trad. de Fernando Correia. 1 vol.

76 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.

77 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.

78 — **A invasão do mar,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

79 — **O farol do cabo do mundo,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

80 — **A Aldeia Aéria,** trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.

81 — **A Agencia Thompson & C.ª,** 1.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

82 — **A Agencia Thompson & C.ª,** 2.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem artritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

Á venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

ILUSTRAÇÃO
Director: ARTHUR BRANDÃO
Editor: José Júlio da Fonseca
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa
Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A mais bela revista feminina que se publica tôdas as semanas

Leitura captivante e educadora - Aspecto interessante e atraente - Sumários variados e tentadores

Páginas magníficas sôbre: **Família e Arte de Viver — Beleza e Higiene — Modas — A Casa, O Lar, O Jardim — Alimentação — Movimentos, ginástica**

ROMANCES — NOVELAS — CARTAS

NUMEROSAS GRAVURAS A PRETO E A CÔRES

FIGURINOS E MODELOS das mais simples às mais luxuosas «toilettes», chapéus, penteados, etc.

O mais belo e apreciado repositório dos cuidados da mulher moderna

Cada número de 60 páginas, com uma artística capa a côres, **Esc. 3$00**

DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

O jornal de maior reportagem mundial

Paris-soir

TODOS OS DIAS 70 CENTAVOS

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

POMBA

NOVA INVENÇÃO

Sem fios, baterias ou acessórios

Duração ilimitada — adapta-se exatamente — não dá na vista — som nitido e natural — sem deformação — elimina ruidos — preço moderado, peça ainda hoje detalhes sôbre a

OFERTA DE LARGA EXPERIÊNCIA EM CASA

Único instrumento do seu género

Medalha de prata na «Exposição de Paris em 1937»

Mande uma carta ou postal a

NATURTON Co. (L. L.) 83 Pall. Mall.—Londres S. W. I.

A primeira obra comemorativa do terceiro centenário da Restauração

ACABA DE APARECER

A RESTAURAÇÃO

POR **EDUARDO BRASÃO**

Da Academia Portuguesa da História

Relações diplomáticas de Portugal de 1640 a 1668

1 vol. de 480 págs. com um magnífico retrato do rei D. João IV, broc. **Esc. 18$00**

Pelo correio à cobrança . . **Esc. 20$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73-75 — LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO **DR. EDUARDO COELHO**

Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25$00**

Pelo correio à cobrança, Esc. **27$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

GRAVADORES IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.da

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27

LISBOA

UM LIVRO DE ARTE E UTILIDADE

A HABITAÇÃO

POR **Fernando Perfeito de Magalhães**

Com um prefácio do **Prof. Dr. Agostinho de Campos**

1 vol. com muitas gravuras, algumas a côres, representando projectos de construção de moradias etc., broc. **Esc. 10$00**

Pelo correio à cobrança **Esc. 11$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

1-ABRIL-1939
N.º 819 — 14.º ANO

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — LISBOA

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

AMIZADE LUSO-ESPANHOLA

A última quinzena foi assinalada, entre nós, por um facto cuja alta transcendência desnecessário se torna acentuar.

Na verdade, a assinatura do tratado de amizade e não agressão com a Espanha, nestes tempos conturbados em que o dia de amanhã é uma incógnita, vem reconhecer a inviolabilidade das nossas fronteiras terrestres pelo único estado que as poderia ameaçar se se generalizasse à península um conflito europeu, e vem, além disso, estreitar os laços de inequívoca amizade e de leal camaradagem que uniram o nosso país ao vizinho durante a cruenta guerra que há três anos dilacera a pátria de Cervantes.

Assinaram o tratado como representantes, respectivamente, do Presidente da República Portuguesa, sr. General Carmona, e do Chefe do Estado e Generalíssimo dos Exércitos Espanhóis, sr. D. Francisco Franco, o sr. Presidente do Conselho e Ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. António de Oliveira Salazar, e o sr. Embaixador espanhol em Lisboa, D. Nicolau Franco.

Eis os principais artigos do importante instrumento diplomático:

"Artigo 1.º — As duas Partes contratantes obrigam-se uma para com a outra ao absoluto respeito das suas fronteiras e territórios e a não praticar qualquer acto de agressão ou de invasão contra a outra Parte.

"Será tido por contrário ao estipulado neste artigo todo o acto violento contra a integridade e a inviolabilidade do território, ainda mesmo que não seja precedido de declaração de guerra.

"Artigo 2.º — As Altas Partes contratantes obrigam-se a não prestar auxílio ou assistência ao eventual agressor ou agressores da outra Parte, e designadamente não consentirão que do território de cada uma delas seja dirigida qualquer agressão ou ataque contra os territórios da outra, tanto por terra como por mar ou pelo ar.

"Artigo 3.º — Cada uma das Partes contratantes obriga-se a não entrar em pacto ou aliança contra a outra parte ou que tenha por fim agressão contra o respectivo território.

"Artigo 4.º — Qualquer pacto ou tratado de aliança de futuro concertado entre uma das Partes contratantes e terceiros Estados ressalvará sempre os compromissos definidos neste Tratado.

"Artigo 5.º — O presente Tratado terá a duração de dez anos e considerar-se-á tàcitamente prorrogado enquanto não fôr denunciado com seis meses de antecedência por uma das Partes».

O sr. Presidente do Conselho e Ministro dos Negócios Estrangeiros com o sr. Embaixador da Espanha assinando o Tratado

NA ESPANHA

A cidade de Logroño

Como o Diabo se divertia há séculos

NUMA das minhas viagens a Espanha, fui dar à cidade de Logroño que merece a nossa admiração pela sua vetustez.

Metida entre muralhas naturais de montanhas e pacata como poucas, a cidade de Logroño poderia ser escolhida para recolhimento de ascetas ou oásis de almas em estado de graça.

E, no entanto, foi ali que se desenvolveu o terrível processo dos feiticeiros que ainda lembra ao cabo de quatro séculos.

Êsses feiticeiros residiam nas aldeias de Zugarramarudi e de Vera, no vale de Bastan, em Navarra.

Acusados de entreter comércio com o Diabo, foram presos em número de vinte e nove e encarcerados nas prisões do Santo Ofício, em Logroño.

Submetidos às primeiras provas, todos sustentaram que estavam inocentes do crime que lhes era imputado e juravam pelo que de mais sagrado havia que não conheciam o Diabo, que nunca o tinham o visto e que, portanto, não poderiam, em caso algum, ter negócios com êle.

Porém, abatidos pelos tormentos, dezanove dêles acabaram por declarar que realmente tinham visto o Diabo e que até lhe tinham falado.

Entrando em pormenores, lançaram-se em divagações que o torniquete da tortura fazia alastrar à vontade dos inquisidores. Escusado será dizer que caíam nos mais absurdos relatos, que deram a seguinte análise:

"Confessam os ditos acusados, que suas assembleias diabólicas tinham lugar num sítio chamado *Prado do Bode*. Ali é que o Diabo se lhes apresentava debaixo da figura dum grande bode, nas segundas, quartas e quintas-feiras de cada semana, dias marcados para as assembleias, além dos das maiores festas da igreja, como a Páscoa, Espírito-Santo, Natal, etc.

"Em cada congresso, principalmente quando há recepção, o Diabo toma a figura dum homem tristonho, colérico, negro e feio, e está assentado num trono escuro.

"Usa uma corôa de cornichos, tem duas pontas de boi maiores atrás na cabeça, e uma terceira no meio da testa, a qual é luminosa e basta para alumiar a assembleia, sendo a luz que projecta menos intensa que a do sol e mais viva que a da lua. Tem os olhos redondos, grandes, ardentes, medonhos; a barba é como a do bode, e toda a parte inferior do corpo assemelha-se a êste animal. Contudo seus pés e mãos são parecidos com os do homem, diferençando-se em ter os dedos iguais, terminados em unhas dum comprimento desmesurado, recurvadas como as garras duma ave de presa. A voz é como o ornejar do jumento: as palavras mal articuladas, e num tom imperioso e ameaçador.

"Ao abrir a assembleia, todos se prostram e adoram o demónio, apelidando-o seu senhor e seu Deus; depois cada um lhe beija a mão e o pé esquerdo.

«O congresso começa ás nove horas da tarde e acaba ordinàriamente á meia noite; em todo o caso não pode prolongar-se além do cantar do galo.

"À cerimónia do beijamão, etc., sucede outra que é uma imitação diabólica da missa, em que os diabos subalternos preparam o altar, e ajudam o seu chefe como os meninos do coro ajudam à missa dos cristãos. O Diabo interrompe a cerimónia para exortar os assistentes a que nunca mais voltem ao cristianismo, e lhes promete um paraíso bem preferivel ao prometido aos cristãos.

"Acabada a missa, o Diabo junta-se com todos os homens e mulheres sem distinção de casamento nem de parentesco...

"Depois da cerimónia, Satanaz despede todo o ajuntamento, ordenando a cada um que faça o maior mal que puder fazer a todos os cristãos e a todos os frutos da terra, e lhes recomenda que não hesitem para isso em transformar-se em cão, em lobo, raposa, serpente, milhafre, segundo fôr preciso; bem como empreguem, para conseguir os fins, pós e líquidos empeçonhados que se preparam com água de sapo, que todo o feiticeiro macho ou fêmea trás consigo, não sendo o sapo outra coisa mais do que o Diabo que se multiplica ao infinito.

"É nesta assembleia que tem lugar a recepção dos postulantes ao título de feiticeiro: o candidato renuncia ao culto de Deus, e promete ao Diabo obediência e fidelidade até á morte. Satanaz marca o iniciado com as unhas da mão esquerda, e imprime-lhe a figura dum pequenino sapo na menina do ôlho esquerdo, sem lhe causar a menor dor. Esta figura de sapo, que serve para todos os feiticeiros como de senha para se reconhecerem, só é vísivel para êles.

"Entrega-se depois ao *recipiendário* um saposinho muito bem vestido, que nunca mais o deve deixar, e que tem a propriedade de tornar invísivel o seu novo senhor, de o transportar num instante a distâncias enormes, e de o metamorfosear em tôda a espécie de animais.

"Antes de comparecerem na assembleia, os feiticeiros têm cuidado em untarem o corpo com um licor vomitado pelo sapo e que se obtem batendo-lhe com uma varinha, até que o Diabo, escondido debaixo da pele do animal, diz — basta!

"Só depois de untado com êste licor, é que o feiticeiro pode voar como um pássaro; mas os seus vôos ou correrias só podem ser de noite; logo que o galo canta, acha-se no seu estado natural.

"O Diabo dá também aos feiticeiros receitas para compôr venenos com répteis, insectos, miolos de homens, e sucos de diversas plantas. Se um feiticeiro está muito tempo sem usar de todos estes meios para fazer mal aos cristãos, o Diabo o faz castigar em pleno congresso.

DOS TEMPOS IDOS

e os seus feiticeiros

nessas paragens de Castela-a-Velha

Tais foram as absurdas declarações dos dezanove acusados que os outros dez foram forçados a confirmar ao cabo de três sessões de tortura.

Mas o processo elaborado por fanáticos e supersticiosos continua:

"Uma mulher, chamada Maria de Zaraya, declarou que fizera muito mal a um grande número de pessoas que ela nomeou, fazendo-lhes experimentar, por encantamento, vivíssimas dôres, e dando-lhes longas doenças. Mais declarou que tôdas as noites era visitada pelo Diabo que durante muitos anos fôra para ela como seu marido, e que ela por bastante tempo escarnecera dum padre que gostava da caça ás lebres, tomando a figura dêste animal, e fatigando o caçador por grandes caminhadas a que o obrigava.

"Um outro, Miguel Goiburu, confessou que era o rei dos feiticeiros e que muitas vezes profanára as igrejas arrancando os mortos dos tumulos para os oferecer ao Diabo.

"Declarou que muitas vezes se reuniu ao demónio para deitar malefícios sôbre campos ou sôbre homens, e que na sua qualidade de rei dos feiticeiros trazia a caldeirinha cheia de baba de sapo, de que o Diabo se servia para fazer as suas operações.

"Finalmente, disse que fizera morrer grande número de meninos sugando-lhes o sangue.

"João Goiburu, irmão do precedente, declarou que era ele que fazia dançar os feiticeiros ao som do tamboril nas assembleias presididas pelo Diabo, e disse que, num jantar dado por êle aos feiticeiros, lhes servira os ossos do seu próprio filho, etc.

"A filha de João Goiburu, confessou ter sido amante do Diabo, e que, como o seu tio, fizera morrer muitos meninos sugando-lhes o sangue.

"O primo do rei dos feiticeiros declarou tocar flauta, enquanto o Diabo se entregava aos prazeres, etc. etc.»

E assim foi organizado o processo, sendo todos os feiticeiros condenados à fogueira. No entanto, atendendo a que se declararam arrependidos, foi-lhes concedida a graça de serem estrangulados antes de os queimarem.

Havia duas espécies de autos de fé: a geral e a particular.

O auto de fé particular repetia-se muitas vezes durante o ano, em épocas fixas, sendo o número de executados menor ao destinado ás execuções gerais que só se realizavam em ocasiões solenes, festejando-se assim os soberanos.

Um mês antes do dia fixado para o auto da fé chamado geral, os membros da Inquisição, precedidos da sua bandeira, seguiam em grande cavalgada do palácio do Santo Ofício para a praça das execuções, anunciando com grande berraria que, dali a trinta dias, haveria uma execução geral dos condenados pelo sagrado tribunal.

Esta cavalgada fazia depois o giro em tôda a cidade ao som de trombetas e timbales. Desde êste momento, tratava-se dos preparativos necessários para tornar a cerimónia tão solene quão magnífica.

Para êsse fim, erguiam-se sôbre a grande praça um tablado de cinquenta pés de comprido, elevado até à altura da

tribuna onde o rei aparecia, quando nessa cidade houvesse residência real. Na extremidade e sôbre tôda a largura dêste tablado erguia-se à direita da tribuna do soberano, ou do seu representante, um anfiteatro de vinte e cinco a trinta degraus, destinado ao conselho da *Suprema* e outras autoridades.

No alto dos degraus via-se, debaixo dum dossel, a cadeira do inquisidor-mór, que estava mais elevada que a do rei.

Á esquerda da tribuna elevava-se um segundo anfiteatro onde os condenados eram postos em exposição.

Um mês depois da publicação do auto de fé, a cerimónia começava por uma procissão, composta de carvoeiros dominicanos e familiares do Santo Ofício, que saía da igreja e se encaminhava para a grande praça, regressando depois de ter colocado junto do altar uma cruz verde, enfeitada de crepes, e o estandarte da Inquisição.

A's sete horas da manhã, o rei, a rainha e tôda a côrte davam entrada nas tribunas.

A's oito, a procissão saía do palácio da Inquisição e seguia para a praça, sempre com os carvoeiros à frente, privilégio que lhes era concedido em consideração de êles fornecerem a lenha necessária para queimar os herejes e feiticeiros.

Lidas as sentenças, o inquisidor-mór deixava a cadeira e pronunciava a absolvição dos reus que estavam reconciliados.

Quanto aos outros eram entregues ao braço secular, montados em jumentos e conduzidos à praça do Quemadero, onde estavam preparadas tantas fogueiras quantas as vítimas...

NOTICIAS DA QUINZENA

Os srs. Presidente da República e ministro interino da Educação Nacional com as senhoras que tomaram parte no sarau do «Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra» realizado no Teatro Nacional, que constituiu um dos mais belos números da «Quinzena de Coimbra em Lisboa». Falaram, entre outros, o prof. dr. Manuel Lopes de Almeida e o grande poeta Afonso Lopes Vieira, sendo representados dois autos e uma farsa de Gil Vicente e «Os Anfitriões», de Camões. — A' direita: O chefe do Estado, durante o referido sarau, apondo as insignias da Grã-Cruz de Sant'Iago ao ilustre poeta Eugénio de Castro.

O Governador Civil de Aveiro entregando ao comandante do contra-torpedeiro «Vouga» a bandeira de honra oferecida por aquela cidade e que se destina a ser arvorada em ocasiões solenes no referido barco de guerra. — A' direita: Os srs. ministro do Interior e Arcebispo de Mitilene na sua visita ao Asilo das Irmãzinhas dos Pobres, onde se realizou uma interessante e carinhosa festa aos velhinhos ali internados.

O sr. embaixador e a senhora embaixatriz de Inglaterra, com a pintora inglesa Evelyn Ruffer, na sua visita à exposição inaugurada no Secretariado de Propaganda Nacional. — A' direita: O almirante Richmond com o comandante da Escola Naval e o adido naval inglês na visita que fez à Escola Naval do Alfeite e que lhe mereceu as mais calorosas referências.

ACTUALIDADES DA QUINZENA

O sr. Cardial Patriarca, saíndo do "Vulcânia", no seu regresso de Roma, onde fôra tomar parte no Conclave que elegeu o Santo Padre Pio XII. — *Ao centro:* O sr. Ministro da Educação Nacional, desembarcando no "Vulcânia" que o conduziu a Lisboa após as festas da coroação do novo Papa. — *Em baixo:* A multidão aguardando o regresso do sr. Cardial Patriarca e do Ministro da Educação Nacional

O Mahatma Gandhi

IDOLOS DOS POVOS

A VIDA DE GANDHI — O SEMI-DEUS INDIANO

II

QUANDO Gandhi se retirou para África e ainda durante muito tempo considerava-se subdito absolutamente leal do Império Britânico. Durante a guerra dos boers, trabalhou na organização dos serviços médicos, em favor das forças britânicas; foi citado pela sua coragem na linha do "front", e em 1914, foi a Londres oferecer-se para organizar um corpo indiano de ambulancia. No Sul de África sofreu a miude do preconceito britânico contra os homens de côr e era muitas vezes tomado por um *coolie* ou carregador. Sucedeu-lhe não o quererem alojar nos hoteis.

Foi no entanto durante os anos de África que o seu espírito amadureceu e que tomaram corpo as duas doutrinas que haviam de regular mais tarde a sua vida. A leitura do filosofo inglês Ruskin e o russo Tolstoi operaram uma grande influência na educação do seu espírito.

Nesta altura, Gandhi tinha conseguido fama como advogado e fazia por ano umas cinco mil libras. Mas abandonou esta situação para se colocar à frente de uma colónia agricola destinada aos seus concidadãos pobres, onde se praticavam virtudes simples.

Instalado novamente na Índia, começa então o seu interêsse pelo nacionalismo pátrio. Colocou-se em luta directa contra a autoridade britânica e levantou em todo o país um movimento tremendo na defeza dos direitos dos indianos. Fundou o periódico *Indian Opinion* e escreveu o seu primeiro livro *Hind Sivaraj* ou "A independência hindu». Era então considerado o chefe do movimento nacionalista e aprofundou os seus conhecimentos dos livros sagrados hindus. Como na sua prática de advogado tinha observado que a parte vencedora nunca recebia a totalidade porque pleiteara, devido ás enormes despezas nos tribunais, preferia sempre chegar a um acôrdo entre as partes.

"A verdadeira função do advogado — dizia êle — é conciliar as partes. Os meus esforços convergiram sempre nêsse sentido.»

A sua preocupação a respeito da dieta a adoptar era constante e causava-lhe verdadeiras angustias. Procedia a inumeras experiências até que abandonou o uso do sal, do chá e as refeições depois do sol pôsto. O leite de cabra pareceu-lhe um alimento ideal mas não foi sem uma grande luta no seu espírito que o adoptou. Se por um lado êsse alimento se prestava à observância da *brahmacharya*, ou abstinência, por outro lado contrariava as suas convicções de vegetariano, visto que efectivamente o leite era de origem animal. A estas hesitações havia a juntar os seus esforços pela realisação do seu voto de castidade.

Foi em 1914, aos 45 anos, que êle regressou à India. Em 1915 fundou a sua *Satyagraba* ou espécie de abadia perto de Ahmadabad; palavra inventada pelo próprio Gandhi e que significa aproximadamente "fôrça da verdade» ou "alma da verdade».

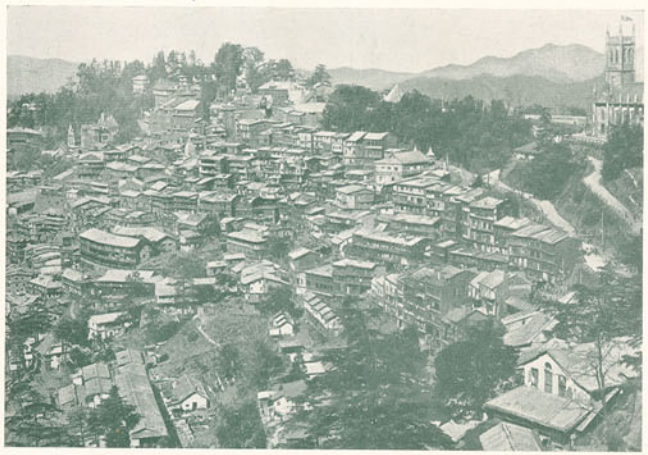
Para essa instalação trouxe pobres incluindo os indianos sem casta ou aqueles em que não se póde tocar sem se poluir. Os membros desta irmandade tomavam votos de nunca mentir, não praticar a violência, observar o vegetarianismo, praticar o celibato e abandonar os bens terrenos. Em 1917 era considerado pelo povo o *Mahatma* ou "Grande Alma».

Ao terminar a Grande Guerra produziu-se na India uma alta efervescência política. A India tinha-se portado, durante a Grande Guerra, com ininterrupta lealdade para com a Grã-Bretanha. Tinha concorrido com um contingente de 1.215.000 homens, dos quais 100.000 tinham caído no campo de batalha e a India, incluindo o próprio Gandhi, esperava que a Grã-Bretanha reconhecida lhe conferisse algumas regalias. Efectivamente a Grã-Bretanha cedeu então um pouco da rigidez das suas leis, mas o nacionalismo hindú não julgou essas concessões suficientes e o movimento por um govêrno nacional, que já começara havia algum tempo, continuou a alastrar. A Grã-Bretanha em face desta situação deu poderes especiais à polícia e a medida causou profundo descontentamento. A indignação fermentava nas ondas populares e Gandhi estava à frente do movimento, tendo declarado a *hartal* ou "greve geral» em protesto contra as medidas do govêrno britânico; no mês de Abril de 1919 morreram sob as balas da polícia várias centenas de habitantes e a India levantou-se com a *Satyagraba* ou desobediencia civil.

A *Satyagraba* alastrou-se pelo país e Gandhi converteu-se numa arma política e numa fôrça espiritual. O povo ia para a revolução mas o Mahatma veio indicar-lhe o caminho.

O domínio de si próprio pela abnegação e o grito da não-violência eram teorias que o povo hindú compreendeu por instinto porque na alma dêsse povo há uma parcela de masoquismo, que encontra determinado gôso na dôr. Conformava-se com o sentido íntimo da sua natureza.

Os inglêses, perante um povo que se deixava bater sem levantar uma mão, ficavam perplexos. ¿Que fazer?! Em redor das prisões havia milhares de indianos moços, que pediam que os prendessem.



Um aspecto de Simla, a estuante capital do govêrno da India

Os preceitos de Gandhi a-respeito da sua *satyagraba* ou resistência passiva excede o que o espírito das nações ocidentais póde compreender. Segundo esses preceitos não se deveria dar abrigo a ressentimentos; não se deveria responder aos ataques mortiferos; voluntariamente se deveria entregar à prisão; nunca se deve insultar o adversário e o povo havia de ajudar as fôrças britânicas contra aqueles que tivessem abandonado ou não praticassem esses preceitos.

Gandhi estava convencido que a sua política havia de obrigar o govêrno a retroceder e a reparar o mal. O govêrno, porém, não retrocedeu e o Congresso Indiano votou a *Swaray* que significa o "govêrno nacional» e delineou um programa de medidas práticas que haviam de ser realizadas sob a chefia de Gandhi.

Os indianos resolveram boicotar os artigos ingleses; não mandar os filhos ás escolas inglesas; não comparecer nos tribunais; abandonarem todos os empregos com ingleses; não pagar impostos; restituír títulos honoríficos ou outras honrarias e sobretudo usar só fazendas tecidas nos teares indianos.

As importações inglesas diminuiram de uma forma ameaçadora e a renascença dos antigos teares nacionais trazia vida nova para as aldeias e levantava o orgulho nacional. A nação vibrava dirigida pela política patriotica e astuta de Gandhi.

Em 1922 foi preso pelas autoridades inglêsas; já o esperava e eis as suas palavras por essa ocasião:

"Que motivos terá o govêrno para me prender? O govêrno não é meu inimigo, mas está convencido de que eu sou a alma de todo o desassocêgo na India e que arredando-me do meu povo conseguirá a paz, para governantes e governados. Desejo que o povo se mantenha digno e imperturbável e que o dia da minha prisão seja um dia de júbilo nacional.»

Foi preso e processado; ao delegado, que representava o govêrno, declarou que os seus crimes eram muito superiores áqueles de que o acusavam; grave e sem a menor alteração da voz insistiu com o juiz para que lhe aplicasse o máximo da pena.

O juiz compreendeu a atitude do Mahatma e usou de igual cortezia para com o réu mas, cumprindo a lei, condenou-o a seis anos de reclusão e Gandhi agradeceu.

Gostava da prisão; trazia-lhe socêgo e o isolamento, que apreciava; na prisão sentia-se *"feliz como um pássaro»*. Surgiu, porém, a doença e teve de sujeitar-se a uma operação de apendicite e o govêrno inglês deu a pena por terminada em 1924.

No ano seguinte submeteu-se a um jejum ritual de 21 dias para com o seu sacrifício harmonizar um desentendimento entre hindus e muçulmanos.

"A penalidade que a mim próprio impuz — escrevia êle — é um aviso a hindus e muçulmanos, que dizem ter-me amor». Todo o continente hindu esperou durante três semanas com sentida emoção; ao vigéssimo primeiro dia o Mahatma quebrou o jejum com suco de laranja mas o seu estado de fraqueza era tal, que não lhe foi possível pronunciar uma palavra.

Seguiram-se depois cinco anos de luta até que o govêrno britanico decidiu mandar à India uma comissão que havia de estudar e preparar uma nova Constituição.

Em 1930 o Congresso Indiano declarou-se pela independência completa e ao mesmo tempo o govêrno britanico declarou que considerava como única solução para a Índia continuar esta a ser uma parte do domínio britanico.

A declaração provocou novos disturbios e grande descontentamento. Era vice-rei da Índia Lord Irwin a quem Gandhi escreveu, tratando-o sempre por caro amigo, comunicando-lhe que considerava o domínio inglês uma desgraça para a Índia. Apresentava novas propostas, rejeitadas pelo govêrno e em 1930 implantou-se de novo a "desobediência civil».

Começou esta pela *marcha do sal*. O sal era monopólio do govêrno e o seu impôsto muito elevado caía pesadamente sôbre o povo; Gandhi tomou portanto o sal como um símbolo.

A "marcha do sal» é um incidente histórico empolgante: Com um grupo considerável de adeptos o Mahatma descalço atravessou vagarosamente o país em direcção ao mar. Ao começar esta peregrinação Gandhi tinha dito: "De joelhos pedi pão ao govêno e êle entregou-me uma pedra».

Quando chegou ao mar, com os seus adeptos, ajoelhou e da água salgada fez sal, apesar do monopólio do govêrno, que proíbia aos particulares o fabrico do sal. A onda de "desobediência civil» que se seguiu, levou tôda a Índia a um grande estado de anarquia, sem conseguir realizar cabalmente o seu intento.

No ano de 1934 as várias insurreições tinham sido afogadas em sangue; as prisões andavam repletas; o govêrno britanico mantinha a ordem pelo terror e o país estava exausto.

Gandhi visto por S. D. Banks

Deram-se então acontecimentos que caminhando separadamente vieram a encontrar-se e harmonisar-se.

A Grã-Bretanha impôs uma nova constituição em bases muito favoraveis para os seus súbditos hindus, que os conduzia em melhores condições no caminho de um govêrno nacional e por seu lado em 1937 o Congresso Hindu, sob a chefia de Gandhi, declinava nas suas exigências e prestava-se a colaborar no novo estado criado pela nova constituição.

O resultado, pois, da desobediência foi um *compromisso* em que cada uma das partes cedeu alguma coisa das suas primitivas exigências até chegar a uma combinação, que a ambas satisfizesse, pelo menos transitóriamente.

ADOLFO BENARÚS

Vista do palácio do vice-rei inglês, em Nova Delhi no qual Lord Irwin, hoje Visconde de Halifax, habitou. É esta habitação conhecida por «Buckingham Palace» da India

PÁSCOA FLORIDA

Depois dos dias negros e tristes da Semana da Paixão, da comemoração dos tormentos que sofreu Deus pelos homens, em que a Igreja veste o luto de Jesus Cristo e vive passo a passo os tormentos da sua Via Dolorosa e em que todos crentes e ateus sentimos a impressão de tristeza, porque vinte séculos de ancestralidade não passam em vão, e, todos comemoram a paixão e sofrimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo embora muitos o neguem.

Os crentes sentem com a alma os sofrimentos que o mal da humanidade causou Aquele que se quis sacrificar pelos homens, os que não crêem ou fazem profissão de não crer, sofrem sem mesmo o quererem confessar a impressão que lhes é transmitida, pelos seus maiores, pelos que atravessaram séculos, numa crença profunda e que a transmitiram de pais para filhos e apesar dessa crença em muitos se ter pouco a pouco diluido, a verdade é que a Semana Santa é por tradição ainda que o não seja por Fé, um tempo triste.

Gente vestida de negro, igrejas revestidas de roxo, sinos tristes a tanger, por cidades vilas e aldeias, uma névoa de melancolia em tudo, embora o tempo esteja lindo e a primavera rutilante se tenha feito anunciar.

Mas lá vem o Domingo de Páscoa, e florido, alegre, cintilante, êle põe nas almas a alegria que tinham perdido. E' a festa da Ressurreição. Cristo vive de novo, e a sua vida gloriosa, sente-se na alegria dos sinos, na fôrça viva do sol, nas côres vibrantes das flores.

Depois da tristeza, a alegria, e, todos a sentimos ecoar nas nossas almas, com a consciência do que ela representa, os crentes, na ignorância e na inconsciência, os que o não conhecem ou não querem conhecer, mas que por tradição festejam êsse dia.

Porque não há ninguém que não vivendo uma época de dor particular, não festeje o dia de Páscoa, num jantar no remanso do lar, os que apreciam a vida de família, em festas publicas aqueles que gostam de se divertir e festejar a vida no ruído alegre da vida moderna.

Para os crentes, os que têm no atravessar nem sempre sorridente da vida o amparo da Fé, a Ressurreição de Jesus Cristo é um simbolo de Esperança. Depois dos negros dias da tormentosa Paixão, a Ressurreição gloriosa, representa a vida eterna.

E para quem sofre na vida tanta amargura e a sofre como cristãmente se deve sofrer, sente a Esperança da vida Eterna nesse dia em que se festeja a Ressurreição de Cristo, na alegria florida de campos e jardins, no chilrear garrido da passarinhada que na festa da natureza se eleva para Deus, e, sente-a também profundamente no perfume que se evola das flores nessa Páscoa florida.

E' mais com a alma do que com os olhos que nos encantamos com a luz forte do sol, as côres maravilhosas das flores, o verde esmeralda dos campos que a primavera esmalta dos mais brilhantes matizes.

E' a Esperança que se festeja na Páscoa, essa Esperança que dá aos crentes forças para os mais heroicos martirios e coragem para sorrir atravez de todas as desilusões da vida.

Para os que não creem basta-lhes o alegre repicar dos sinos, basta-lhes a festa da natureza em flor, mas sem o quererem lá vem a festa que simboliza a Esperança, desanuviar-lhes o semblante e leva-los a pensar, que é alegre e encantadora a festa da Páscoa.

Porque a propria vida nos apresenta com os seus cambiantes vários um simbolo desta festa, se a vida é toda feita de contrastes, e, tão variados êles são!

Há dias de tristeza cinzenta sem que se possa explicar a causa dessa bruma que nos envolve. Está-se triste e porquê? Não se sabe, são coisas que nos vêm de longe, de tão longe mesmo, que não sabemos de onde elas nos chegam.

Há dias de lágrimas e de dor, dias de tristeza pungente, desgraças que nos ferem até ao fundo da alma, onde deixam as suas cicatrizes tão difíceis de curar.

Há epocas serenas em que a vida decorre num sussurro tranquilo de regato que corre em dia quente e suave entre margens floridas, vida suave, que não apreciamos senão quando a perdemos.

E há ainda as grandes e luminosas alegrias, essas alegrias, que sacodem a alma como o vento sacode as árvores floridas fazendo-as espalhar pétalas multicolores e perfumes inebriantes, alegrias que deixam na vida uma luminosidade, que o decorrer do tempo não obscurece.

Essas são as santas e puras alegrias das almas tranquilas e seguras, das almas que vivem dentro do caminho sagrado do dever, porque só essas alegrias perduram sem o travo amargo do arrependimento.

As tristezas que nos envolvem, os desesperos que nos sacodem e que nos prostam são os dias amargos da paixão, são os sofrimentos que muitas vezes buscamos e de que somos culpados.

A nossa paixão não é pelos outros que a sofremos, a exemplo do Mestre Sublime, que expiou, não o mal que Ele fizera, mas sim o que os homens tinham feito e fariam através dos tempos, mas quási sempre é a expiação do mal que fizemos, conscientemente umas vezes, e, arrastados pelas paixões humanas outras.

E nêsses dias de angustias, nós sofremos com dobrado suplício, aquele que nos dá a certeza de ter merecido o sofrimento.

Mas nem a suáve doçura duns dias tranquilos, a alegria esfusiante de inesperados bens, e, é a nossa Páscoa florida que simbolisa a Esperança da Ressurreição nêsses dias de tranquilidade serena ou de alvoraçada felicidade, nós esquecemos na alegria os males sofridos, os sorrisos desabrocham, os risos cantam, e, lágrimas se as há, são essa dôce manifestação do bem-estar, que inunda a alma contente e feliz.

Na natureza o mesmo se dá, o inverno é a sua paixão. Ventos gélidos, tempestades de neve, climas glaciais, que tudo inundam, granisadas que castigam a terra como chicotadas, os dias pequenos e negros, brumosos e tristes, a terra arrepiada parece chorar nas algidas noites de Dezembro e Janeiro, o luto envolve o arvoredo nos veus de gaze do nevoeiro, que se agarra aos seus esqueletos sem fôlhas nem flores.

Mas vem a Primavera, a Páscoa florida que trás a esperança dos dias bonitos que se avisinham e tudo muda; a terra negra cobre-se dum manto esmeraldino de veludo verde, que as florinhas de cores diversas, matisam de rico bordado, o sol brilha espelhando-se nas águas tranquilas, a atmosfera dum azul resplandecente dá a tudo a luminosidade intensa que alegra e satisfaz.

As árvores cobrem os seus esqueletos do vestuário magnífico da folhagem verde e brilhante que as flores esmaltam, a natureza em festa, pelo canto das aves, repica o sino da sua Páscoa florida, tão bela e tão rica, que é como uma promessa de Deus aos homens.

«Sofram, que após o sofrimento vem a alegria», E assim é, porque se a vida fôsse uma fonte perene de alegrias e felicidade, nós acabariamos, por não compreender o bem que nos rodeiava e não sentiríamos a alegria de ser felizes. E' o contraste entre o Bem e o Mal é o contraste entre a alegria e a tristeza, que fazem com que se aprecie melhor a felicidade.

E os que nunca a tiveram na vida aqueles que a miséria negra envolve e que um triste destino esmaga, têm também as suas horas melhores e que sintam bem que para êles a Páscoa florida é também uma esperança de Ressurreição.

A vida quer deslize, como um regato tranquilo entre floridos campos, ou seja sacudida como um mar tempestuoso em dia de temporal, tem um fim, e, após êle espera-nos a Ressurreição numa Páscoa florida.

E ao contemplar a tristeza infinita do quadro que se nos depara, de Cristo, morto nos braços de sua Mãi e dessas lágrimas tão amargas, as mais dolorosas que podem tratar de um coração despedaçado, ao sentirmos a Dôr tão profunda da Mãi de Deus, simbolo de tôdas as dores humanas, pensemos também na Sua alegria sem igual ao ver Seu Divino Filho Ressuscitado, e que a dôr se transforme num grito de Fé e Esperança, que a Caridade por todos os que sofrem animará.

E esperemos a Páscoa florida com o seu repicar de sinos alegres, com as sinetas que pelas aldeias vão de casa em casa levar a Benção de Cristo Ressuscitado, e que são como um rio de Amor e uma alvorada de promessas.

Páscoa florida, envolta na gaze rósea da madrugada, que envolve o manto de veludo da terra, que ela ecoe de montanha em montanha, de vale em vale e que por todo o mundo se levante um rio de alegria, Páscoa da Ressurreição, Esperança dos fieis, consolo dos tristes e alegria dos felizes.

As almas, purificadas pelo sofrimento, encontrarão o único amparo seguro na sua fé, pois só a fé nos defende e redime enquanto houver mundo e, conseqüentemente, maldade.

Maria de Eça.

Cristo morto (Quadro de Sandro Botticelli)

ACONTECIMENTOS DE ALÉM-FRONTEIRAS

O avião «Côte d'Azur», atravessando o canal da Mancha, com o Presidente Lebrun na sua visita a Londres

O Presidente Lebrun com sua esposa, ladeado pelo rei Jorge VI, rainha e princesinhas Izabel e Margarida Rosa

O *cheik* Ben Gana, descendo dum avião no aeródromo de Bourget, na intenção de passar alguns dias em Paris

Na sua chegada a Douvres, o Presidente Lebrun passa em revista um destacamento da marinha britânica

Estátua nipónica do ano de 1180 que figura na actual Exposição de Arte da Ásia Oriental em Berlim

Hitler saüdando o marechal Goering na celebração do Dia da Aviação Alemã, que teve um alto significado

Léon Berard, acompanhado pelo cônsule geral francês em San Sebastian, saíndo do ministério dos Negócios Estrangeiros

UM SONHO.. OU TALVEZ NÃO

O CAVALEIRO ENAMORADO

A galeria era bastante escura. Pendiam das paredes altas, forradas a carmezim, grandes quadros a óleo, com cercaduras doiradas, telas enegrecidas a que a luz difusa, coada pela janela do fundo, aberta entre cortinados grossos, não aclarava os contornos.

Atravessei serenamente a tortuosa quadra. Habituara-me já àquelas velhas figuras doutras eras, hieráticas e positivas; familiarisara-me com a palidez das formosas de toucados altos e forte peito a descoberto; quási estimava as nevadas barbas que se espalhavam sôbre as armaduras reluzentes dos cavaleiros.

Quási todos eram idosos. Sòmente havia dois de criança e um que representava um moço na flor da idade, cavaleiro cujo buço arrogante mal despertava no lábio desdenhoso e fino.

Êste era o mais simpático de todos. A expressão afectuosa do olhar claro, parecia brilhar atravez do tempo e da morte; o nariz aquilino, a bôca imperiosa, o aspecto donairoso do corpo revestido por branca armadura contrastando com a negridão do corcel imponente, cujas narinas fumegavam, tudo me dava a sensação duma vida ardente e boa.

Gostava de o ver ali e instintivamente, quando passava diante dêle, buscava o olhar másculo donde partia uma saüdade protectora e às vezes, sentada na minha mesa de trabalho, conversava com êle.

Conhecia-lhe a história, a mais simples de quantas ali se desenrolavam, nessas figuras de sonho e evocação, talvez por ser a mais pequena a sua vida.

Morrera assim, com vinte e seis anos, belo, sedutor, corpo de amor numa alma de paixão. Como? Sabiam-no vagamente. Partira um dia, pelo mundo e voltara cadáver...

Os irmãos, envelhecendo, não falavam dêle, e envolviam o retrato do extinto num olhar nublado de lágrimas.

Por baixo havia uma legenda.

— *D. Fernando do Valdolado.*

E era tudo.

Nessa tarde, como de costume, sentei-me ao fundo, junto da janela, encostada à minha mesinha, pronta a trabalhar. Sentia-me cansada, e antes de pegar na caneta encarei o moço cavaleiro.

Ilusão? Miragem? Rebate longínquo vindo do misterioso além? Não sei.

Simplesmente me pareceu que o olhar claro do mancebo se pousou sôbre o meu e que a bôca se entreabria para falar.

Procurei fugir a essa alucinação. Debalde. Os olhos fixavam-me, havia neles vida, alma, império. A minha mão, trémula, largou a caneta, sentia-me desvairar...

E então uma voz triste, grave, infinita, falou para mim.

E o drama lancinante do juvenil cavaleiro desenrolou-se ante meus olhos, nas suas palavras maguadas...

* * *

Manhã suave e luminosa.

Fernando, o filho mais novo do nobre conde de Valdolado, descia tranqüilamente a escadaria que levava ao jardim.

Era alto como o pai, mas mais belo, mais airoso, mais insinuante.

Palpitava-lhe de ansiedade o peito. Desde a véspera, desde o minuto cálido em que na sua bôca afloraram pela vez primeira os lábios de Clarisse, quão deleitoso era o sentimento que lhe enchia a alma!

Amava... era amado!

Oh! Magnífico enleio que o espírito nos arrouba em transporte de delícia, nessa deslumbrante certeza!...

Jóvem asceta puro e casto, nunca até então Fernando se deixara prender pelos requebros e olhares das donas e donzelas; suas formosuras não o atraíam, seus atractivos não o acorrentavam. Permanecia indiferente a tanta graça.

Torneador ousado, caçador destro, poeta mimoso, Fernando em nada se parecia com os irmãos, Jaime e Henrique, turbulentos e aguerridos, insolentes e autoritários, desbragados e matreiros a quem mais duma inocência se vira sacrificada.

Uma certa animosidade, centelha lógica brotando dos seus ânimos diferentes, existia entre os rapazes mais velhos, e o fidalguinho atencioso.

Fernando era solitário e triste, e triste e solitário vivera até aos vinte e cinco anos.

Mas, um dia, quando se embrenhava por um matagal, ouviu gritos aflitivos.

Acorreu, solícito, e deparou com Clarisse, a filha duma aia de sua mãi, presa pelas saias nas silvas emmaranhadas duma ribanceira.

Clarisse era quási uma criança. O seu corpo tinha a esbeltez deliciosa dos quinze anos, os seios pequeninos arfavam recatadamente sob a transparência da camisinha onde se aninhavam, apertados em colete grosso, e os cabelos em volta da cabeça formosíssima, do rosto cândidamente fresco, pareciam raios de sol materializados em caracóis.

Fernando conhecia-a de há muito, dos tempos em que, tamanina e brincalhona, ela ia sentar-se-lhe nos joelhos, escutando de olhos arregalados as baladas que êle cantava.

E tinha-lhe uma afeição intensa, feita de protecção e carinho, de fôrça e ternura, de comoção por tão deminuta bonequinha de carne.

A pequenita, por seu lado, sentia-se felicíssima junto dêle, e sempre lhe dizia, num balbúcio tímido:

— Não saias de ao pé de mim... Gosto tanto de conversar contigo!

Últimamente, ela evitava-o um pouco, ruborizava-se quando êle se aproximava, tremia se as mãos de Fernando lhe tocavam. Mais perspicaz do que o belo rapaz, ela compreendia vagamente que estava ali o seu destino.

Fernando não se apercebia de coisa alguma.

Ela era sempre a pequenita gentil que êle adorava! Mas naquele dia, a graça que achou de a ver prisioneira, fez-lhe pulsar de modo estranho o coração.

Cingiu-a com os braços para a libertar, sentiu o peitinho dela arfar-lhe de encontro ao coração, a delicadeza da cintura frágil quebrava-se-lhe entre os dedos, e então, sem saber como, inclinou-lhe a cabeça para traz e os lábios fôram pousar nos dela.

E o deslumbramento começou.

O amor, em tôda a sua veemência fascinante, abriu-lhe horizonte de ventura.

Por isso naqueles momentos luminosos, revendo o minuto doirado, Fernando descia, sorrindo, a escadaria que levava ao jardim.

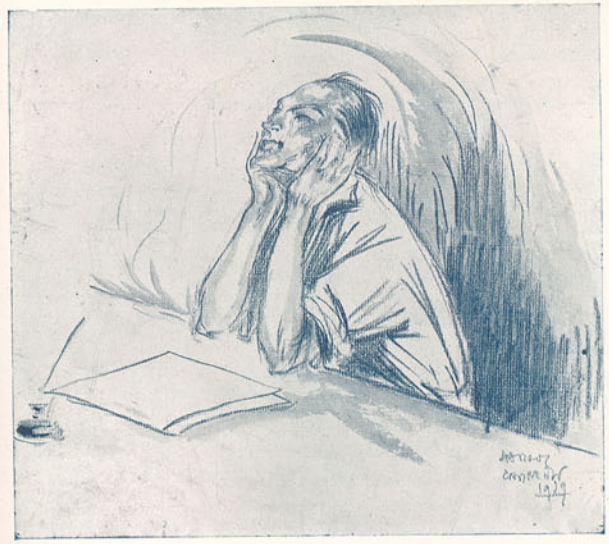
Breve voltaria a vê-la... e então...

Levantou a cabeça bruscamente.

Parcia-lhe ter ouvido pronunciar o seu nome. Olhou em redor. Vinham vozes dum banco que umas sebes ocultavam. Eram dos irmãos.

Dirigiu-se para lá, mas parou, movido por indefinida angústia.

O mais velho parecia gabar-se de qualquer coisa que o outro aplaudia.



— Ela tentou resistir... mas os meus braços são fortes... Clarisse é minha! É minha!

Fernando estremeceu todo. O rosto crispou-se-lhe numa dor medonha, que a ira aumentava.

— Clarisse! A sua bem-amada!

Então, lançando o corpo por entre as sebes, desembainhou a espada sôbre o miserável.

— Desgraçado! — clamou — Desgraçado! Pagarás com a vida a tua vilania.

Mas a espada vingadora não desceu. Do palácio vinham gritos duma dor atroz, um clamor que lhe suspendeu o gesto fraticida.

— Matou-se! — gritava alguém — Matou-se!

Fernando compreendeu. Lúcido, voltou a colocar a espada na cinta, e poisou no irmão o olhar amargo.

— Pois que morreu — disse, friamente — Deus te castigará!

E voltando as costas, sumiu-se na espessura dum matagal próximo.

No palácio, ninguém mais soube dêle. Meses depois, tiveram a notícia de que o moço cavaleiro morrera em peleja, defendendo donzela ou dona ultrajada...

* * *

Dizem que adormeci, que estava adormecida junto da mesa, e que sonhei tôda esta história.

Verdade? Mentira? Não sei, não consigo dizê-lo.

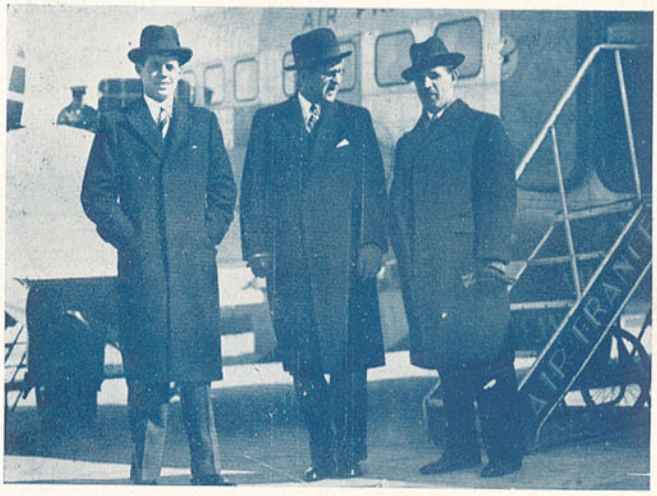
O sonho, muitas vezes, é a visão clarividente duma oculta verdade... E, nos olhos do moço cavaleiro D. Fernando de Valdolado, é êste o drama que eu leio.

ODETTE PASSOS DE SAINT-MAURICE

ATRAVÉS DO MUNDO

Jovens catalãs do «Auxílio Social em Barcelona» distribuindo víveres à população da cidade ducal, após a sua libertação pelas tropas nacionalistas.

Estado em que se encontrava a Catedral de Mahon em Minorca, convertida em garage e depósito de materiais de fortificação, destroços e entulho.



Kennedy (ao centro) embaixador dos Estados Unidos em Londres, apeando-se dum avião no aerodromo de Bourget. De Paris, Mr. Kennedy seguiu para o Vaticano.

Estado em que ficou um comboio de mercadorias na linha Paris-Cerbère. O descarrilamento foi provocado por um boi que se atravessou diante do comboio.

Chegada a Roma da missão lituana que foi assistir à coroação de Sua Santidade o Papa Pio XII.

Um aspecto da tradicional benção dos automoveis no decurso da festa de Santa Francisco Romana em Roma.

Quando a gente pensa...

QUANDO a gente pensa, logo nos vem à idéia o exame do nossa consciencia, e logo olhamos em volta, e vemos quanta incompreensão e quanta maldade nos rodeia.

O que julgávamos amor é só um prurido dos sentidos, o que pensávamos amizade é apenas um laço armado à nossa sensibilidade, que almas inferiores exploram desapiedadamente, voltando-nos as costas assim que de outro lado lhes sopra bom vento para novas explorações.

E faz pena ver como criaturas, com recursos de inteligência para virem a ser alguém, inutilisam tôdas as suas probabilidades de triunfar na vida, por uma falsa compreensão da própria vida, e uma orientação errada.

Rapazes que poderiam andar desassombradamente por essas ruas, de cabeça levantada, esgueiram-se a medo por bêcos e travessas, para não tropeçarem com êste a-quêm devem dinheiro, com aquele a-quêm devem uma gratidão infinita pelo seu socorro material envolvido na mais acrisolada afeição, e a-quêm pagaram com uma patifaria, quando não com um insulto torpe.

Mulheres que se julgam diminuidas, quando por elas se roça uma desgraçada que se vende para ganhar o seu pão, e que não hesitam em atraiçoar o homem que lhes deu o seu nome com o seu amigo mais íntimo.

Cada um arranja para si uma moral para seu uso, moral errada que fàcil seria substituir pela verdadeira, se pensassem um pouco detidamente, e depressa veriam que não valia a pena sacrificar a tranquilidade da sua consciência, por prazeres que na aparência os satisfazem, mas que realmente os degradam sem remissão.

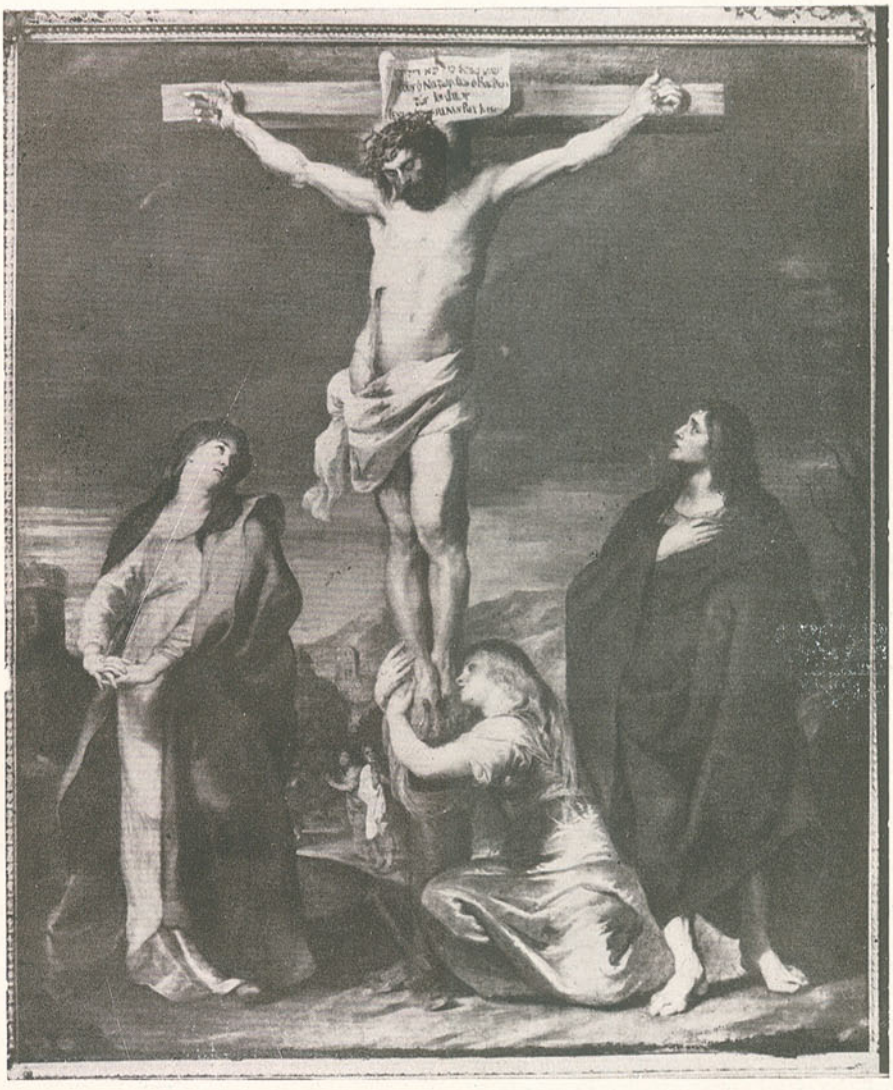
Nesta quadra do ano, depois das folias do entrudo, quando os sinos festivos anunciam a ressurreição de Jesus, em mais um glorioso aniversário da cristandade, nós todos, mais ou menos culpados, mais ou menos pecadores, sinceramente arrependidos, devemos voltar os olhos para o dôce Crucificado e rezar contrictos.

E todos os que têem filhos, e querem que êles vivam na paz da consciência, devem ensinar-lhes a história de Jesus, como nos lindos versos de João de Deus, o poeta da suavidade e da ternura:

– Minha mãi, quem é aquele
Pregado naquela cruz?
– Aquele, filho, é Jesus?
É a santa imagem dêle!

– E quem é, Jesus? – É Deus
– E quem é Deus? – Quém nos cria;
Quem nos manda a luz do dia
E fez a terra e os céus;

E veio ensinar à gente
Que todos somos irmãos,
E devemos dar as mãos
Uns aos outros, irmãmente.



Cristo na Cruz, por Pedro Paulo Rubens — Museu do Louvre

Todo amor, todo bondade!
– E morreu? – Para mostrar
Que a gente, pela verdade,
Se deve deixar matar.

O tempo que vamos vivendo é de molde a que elevêmos a nossa alma acima da lama da vida material.

Que todos os que não perderam ainda a fé me acompanhem nêste hino ao divino filho de Maria:

— Jesus! como foi vão o teu cruel suplício!

Querias salvar a gente do pecado original, lavar das impurezas a inteira humanidade.

Mas ela desnorteou e nunca correspondeu ao teu sentir piedoso.

E, a cada dia que passa, o mundo é mais amplo antro de feras que se mordem crueis por uma côdea mais, sem pensar sequer em que os seus irmãos também precisam comer, como diz um céguinho que esmola por essas ruas:

— "Comprem uma cautela ao céguinho, que também precisa de pão!"

E é êste o problema terrível, para uns tudo e nada para outros, quando o "tudo" e o "nada" dariam alguma coisa para todos, bem misturados.

E tu, divino mestre, se voltasses e visses o que por cá vai e o que fizeram da terra divisa. "— Amai-vos uns aos outros" — se visses como o teu sangue correu, sem poder lavar as consciências de tanta maldade, talvez dissesses, mais uma vez, ao Pai misericordioso, que perdoasse.

Porque tu és a suprema bondade, que só concebe o perdão e nunca o ódio, nem o castigo.

Mas nós não merecemos teu doce sentir, teu carinho santo.

Somos tão maus, que nem a crença em ti, nem o teu amor nos faz recuar, no caminho do mal.

Jesus, meu Deus, não deixeis que o pecado nos vença.

Vós podeis tudo. Piedade, Senhor! Não nos deixeis descer mais fundo no abismo da loucura.

Vinde a nós, Senhor!

Nas vossas mãos entregamos as nossas almas.

Não nos deixeis cair na tentação da cubiça — origem de todos os malefícios que afligem a humana gente.

Salvai-nos, mais uma vez, Senhor!

E abençoado seja o vosso santo nome!

Abençoada a cruz em que expirastes!

Abençoado o fel que molhou vossos lábios sedentos! Amen!

MERCEDES BLASCO.

Grandezas e misérias da Grande Roménia

CODREANO, TRAIDOR CEM POR CENTO

Rei Carol da Roménia

¿QUEM era Codreano, o Capitão, que os nazis, eternos inimigos da Roménia e do povo romeno, exaltam, procurando beatificá-lo na opinião ortodoxa?

¿Quem era Codreano, o chefe da Guarda de Ferro? A história do Capitão, espião e traidor, é muito simples. Filho de um polaco e de uma alemã, cem por cento estrangeiro, vagabundo, pária místico, salteador de aldeias e de conventos, violador de freiras, anti-romeno, anti-semita, anti-aldeão, discípulo de Cuza, Cornelius Codreano era o tipo acabado de salteador político, inimigo da pátria e do Rei.

O pai era ortodoxo; a mãi uma camponesa inculta e protestante. O próprio Codreano era um indeciso religioso, a um passo ortodoxo e pagão, espécie de Raspoutine, criado nas florestas de Iassy e alimentado desde muito novo pelo pão espiritual de Cuza, o filósofo anti-semita.

Numa noite de febre, o vento a agitar com violência a floresta de Iassy, imaginou-se o enviado do Arcanjo S. Miguel, portador de uma mensagem destinada a soerguer o povo romeno, escravo da terra, da estepa, da floresta, árvore humana ressequida, isenta de energias, vítima, no dizer de Cuza e Codreano, de meio milhão de judeus, que arrastam e vivem o mesmo drama que aflige e atormenta o aldeão, escravo da terra e das cidades.

Codreano passou a sua juventude nas montanhas da Bukovine e num pequeno liceu situado quási na fronteira da Rússia. Em 1919, após a guerra, Cornelius funda o primeiro grupo de terroristas, bandidos-patriotas que se reúnem nas florestas e entre as sombras decidem morrer ou matar, semear o terror e a morte.

Quando Codreano regressa a Iassy para se matricular na Universidade, o velho Cuza, professor de direito económico e anti-semita nato, carcomido e intoxicado chama-o, anima-o, atira-o para a luta, incitando-o, fornecendo-lhe teoria e elementos dissolventes, incutindo-lhe na alma o veneno da inquietação e da desordem.

Foi um estudante miserável. Todos os dias, campeão do racismo num país de minorias, cosido pelo prestígio do Rei e da dinastia, provoca distúrbios, lança estudantes contra estudantes, fomenta a agitação, desagrega e destrói o espírito universitário.

No fundo de tôdas as desordens e na alma negra do traidor a presença do velho Cuza, maquiavélica e sinistra [illegible] a de professor, espécie de sádico, a...parando-o e emprestando-lhe fôrça para continuar na sua obra de destruïção e de revolta.

Formado em direito, Codreano, cujas mãos têm já as primeiras manchas de sangue, dirige-se para a Alemanha e é inspirado e aproveitado pelos nazis.

Esta viagem é decisiva para a sua vida: a Alemanha torna-o o grande inimigo da França e da Grande Roménia, criada e talhada pelo tratado de Versailles.

1923 é um ano de acção para Cuza e o Capitão: o parlamento romeno reconhece a todos os judeus os direitos civis e, cometendo um acto nobre, concede aos israelitas os direitos de cidadãos romenos.

Armando Calinesco

Começa a guerra. Codreano, orientado pelos serviços secretos de uma potência estrangeira, desencadeia uma luta sem tréguas.

A primeira vítima de Codreano é Manciu, prefeito de Iassy. O Capitão assassina-o em pleno tribunal, ferindo ao mesmo tempo os dois principais ajudantes do prefeito. Cuza defende Codreano, glorifica o crime cometido pelo seu discípulo querido e impõe a absolvição dêste.

Os jurados, ameaçados de morte pela Guarda de Ferro, cujo símbolo era a Cruz gamada, absolvem Codreano, armando-o para novo crime.

Passados alguns anos de grande agitação, o pavor impõe o silêncio nas aldeias, Codreano funda a Liga do Arcanjo S. Miguel. De 1924 a 1928 a Liga de Codreano ameaça tudo e todos: os políticos e o parlamento tremem de mêdo. Nêste último ano um dos secretários de Codreano fere mortalmente o Sub-Secretário de Estado, Angelesco.

No dia 30 de Dezembro de 1933 o Presidente do Conselho, Duca, amigo e colaborador de Bratiano, quando se dirigia para Sinaia é assassinado por Codreano; tempos depois a vez cabe a Stelesco, antigo colaborador do Capitão, demitido da Guarda de Ferro por não concordar com os crimes de Cornélius.

A Guarda de Ferro procura-o no hospital e assassina-o: Stelesco tinha sido operado de apendicite fazia oito dias.

A série de crimes cometidos por Codreano e pelos seus amigos não tem fim. Nas florestas da Roménia, na paz da noite, quando as árvores dormem, embaladas pelo vento, e o silêncio ronda e se ausculta a si próprio, Codreano e os seus amigos imolam judeus e romenos, deixando sôbre os corpos das vítimas a Cruz gamada.

Milita Constantinesco

A 3 de Março de 1937 os amigos de Codreano feriram o reitor da Universidade de Iassy, enquanto o Chefe sonha com a ditadura da Guarda de Ferro e se prepara para dirigir a Roménia e aliá-la a uma nação vizinha, constituindo o bloco anti-francês.

Cuza, o antigo mentor do Capitão, continua em Iassy. Não o minam os remorsos, a-pesar-de viver separado do enviado do Arcanjo S. Miguel: "Codreano, n'en parlons plus. Une chose nous sépare à jamais: l'assassinat".

1937 é o início da queda: o ano trágico para Codreano. A Grande Roménia, abalada profundamente pelo sangue derramado pela Guarda de Ferro, sofre e procura salvar-se.

As nações doentes têm febre e sofrem como os homens. Vinha ainda longe a convalescença. Goga, o poeta oportunista, é o último sintoma da grande crise.

Feito presidente do Conselho, julga-se o próprio Codreano e conduz a Roménia para a queda. No silêncio do seu gabinete um homem está ao pulso da nação e segue-lhe as convulsões: êsse homem é o Rei.

No ministério há outro homem, o único dêsse Govêrno que fixa a sua pátria doente e pensa nela e a procura salvar — Calinesco, actual Chefe do Govêrno.

É êle quem põe o Rei em contacto com a grei e lhe explica as causas da doença que abala o país.

Vice-presidente do Conselho de ministros, Calinesco não tem reservas para com o seu Rei: é leal e digno, conta-lhe tudo. E Goga é sacrificado.

O Rei lança as bases da nova Constituição corporativista. Aproxima-se o final de Codreano, a hora de expirar todos os seus crimes.

Codreano é preso, julgado e condenado a trabalhos forçados pelos crimes cometidos, pelo delito de espionagem a favor de uma nação estrangeira e pelo crime de traição à pátria.

Os legionários de Codreano tentam o último golpe: assassinam o reitor da Universidade de Cluj.

A paz tinha, porém, de voltar à Roménia. Uma noite, quando a polícia transferia Codreano e mais 12 presos da prisão de Ramnicul para a de Jilava, os amigos do Capitão procuram salvá-lo e atiram sôbre a polícia. Esta defende-se e os presos são vítimas dos próprios amigos.

Nessa noite trágica para Codreano velavam o caminho as sombras de Vernicesco, de Duca, de Stelesco, dos reitores das Universidades de Iassy e de Cluj, daquele pequeno rabino, loiro e pálido, olhos azuis e tranqüilos, que rezava numa pequena sinagoga de uma aldeia fronteiriça da Rússia e de que os j[illegible]s não falaram porque era rabino e p[illegible]va numa pequena sinagoga, o próprio Arcanjo S. Miguel, outra vítima inocente dos manejos terrenos do espião. Velavam todos o caminho entre Ramnicul e Jilava, caminho que devolveu a paz à Grande Roménia, nação latina, irmã da nossa.

O príncipe Miguel, herdeiro do trono

Nessa noite as florestas de Iassy dormiram tranqüilas: *l'homme au milieu des archanges*, morto à mão dos seus próprios correligionários, que o procuravam libertar da justiça humana, entregou a alma a Deus, se Deus a quis receber...

*

A Guarda de Ferro acusou injustamente Calinesco: êste, obreiro da nova Roménia, cumpriu a sua obrigação entregando o traidor aos tribunais!

AUGUSTO D'ESAGUY.

Um trabalhador romeno

Um trecho do parque do castelo de Balcic

Maria Antonieta despedindo-se de seu filho na prisão

MENTIRAS DO TEMPO DE MARIA ANTONIETA

A LENDA DO FILHO DE LUIZ XVI

Como e quando morreu o desventurado delfim da França

AGORA, que o cinema tomou à sua conta — e ainda bem — os grandes factos históricos, volta a falar-se da tristíssima existência de Maria Antonieta, a altiva austríaca que não soube fazer-se amar do povo francês de quem se tornara raínha.

As multidões, sorrindo ante o estendal de excessos da vida privada e desregrada dessa princesa, acaba por lagrimejar ao vê-la pungir entre as agruras do cárcere.

Vem a propósito lembrar a curta vida do Delfim (o único inocente em meio de tôda essa intriga) e que esvoaça como uma borboleta de oiro através imensa fogueira que não tardará a queimar-lhe as asas.

O pequeno príncipe foi entregue ao sapateiro Simão que, ou deu cabo dêle — dizem uns — ou o deixou fugir — segundo outros — para subir ao trono da França, com o nome de Luiz XVII.

Nem uma coisa, nem outra. O sapateiro Simão não lhe deu fuga nem se arvorou em carrasco.

A existência que o príncipe levou, após a execução de seus pais, não foi feliz, isso não foi. Bastava o encarceramento, para que ninguém a desejasse.

Mas o Delfim morreu de morte natural, consoante documentos perfeitamente em ordem o autenticam.

Atendendo ao seu interêsse, vamos reproduzi-los, desaparecendo assim a velha lenda de que, em vários pontos do mundo, existem ainda descendentes do filho do desventurado Luiz XVI.

Eis, no fim de contas, o que se apura:

A três de Junho de mil setecentos noventa e quatro (16 prairial) uma deputação da Câmara Municipal de Sens veio anunciar à convenção que os corpos dos pais de Luiz XVI, que estavam sepultados no coro da Sé, tinham sido desenterrados, *e chamados depois da sua morte a uma igualdade* (acrescentou o orador), que não tinham podido conhecer durante a sua vida.

Um membro da convenção propôs que se fizesse disto honrosa menção e se inserisse no boletim; e a convenção assim o determinou.

Passou-se um ano sem ouvir-se falar dos dois jóvens presos no Templo; e sómente a nove de Junho de mil setecentos noventa e cinco, foi que Sévestre fez o seguinte relatório à convenção, em nome da comissão de segurança geral:

"Havia já algum tempo que o filho de Capeto estava incomodado em razão duma inchação no joelho direito e no pulso esquerdo; as suas dores porém aumentaram no primeiro floreal (20 de Abril), o doente perdeu a vontade de comer e sobreveio-lhe febre. Foi chamado o bem conhecido oficial de saúde Desault, e encarregou-se-lhe que o fôsse ver e tratar: as suas luzes e a sua probidade nos afiançavam que não faltaria coisa alguma aos desvelos que são devidos à humanidade.

"A doença ia entretanto tomando um carácter mui grave; e no dia dezasseis do dito mês faleceu Desault. A comissão nomeou para substituí-lo o cidadão Pelletan, oficial de saúde mui conhecido, e deu-lhe para adjunto o cidadão Dumangin, primeiro médico do hospital de saúde.

"Os seus boletins de ontem ás onze horas da manhã anunciavam sintomas mui assustadores relativamente à vida do doente; e ás duas horas e um quarto da tarde recebemos a notícia da morte do filho de Capeto.

"A comissão de segurança geral me encarregou de informar-vos dêste acontecimento, cujo auto apresento».

A convenção ordenou que se depositasse no arquivo o auto apresentado e que o relatório se inserisse no boletim.

Auto da autópsia feita ao corpo do filho do defunto Luiz Capeto, redigido na Torre do Templo, às onze horas da manhã do dia de hoje, 21 prairial (9 de Maio).

Nós abaixo assinados, João Baptista Eugénio Dumangin, Médico em chefe do hospício da Unidade, e Filipe João Pelletan, Cirurgião em chefe do hospício principal da Humanidade, acompanhados dos cidadãos Nicolau Jeanroy, antigo lente na Escola de Medicina de Paris, e Pedro Lassus, lente de Medicina Legal na Escola de Saúde de Paris, que convocámos como adjuntos, em virtude de uma determinação da comissão de segurança geral da convenção nacional, datada do dia de ontem, e assinada por Bérgoeing, presidente, e pelos membros Courtois, Gauthier e Pedro Guyomard, para procedermos todos juntos à abertura do corpo do filho do já defunto Luiz Capeto, e verificar o seu estado, procedemos do modo seguinte:

Pelas onze horas da manhã, chegámos todos quatro à porta externa do Templo, e fomos aí recebidos pelos comissários, os quais nos conduziram por dentro da Torre. Subimos ao segundo andar, e entrámos num aposento, em cuja segunda casa achámos sôbre uma cama o corpo morto dum menino, que nos pareceu de dez anos, pouco mais ou menos, que os comissários nos disseram ser o filho do defunto Luiz Capeto, e que dois dos nossos colegas reconheceram pelo do menino, a quem tinham tratado naqueles últimos dias.

Maria Antonieta, raínha de França

Os ditos comissários nos declararam que êste menino morrera na véspera pelas três horas da tarde, e procurámos então verificar os sinais da morte, que com efeito achámos, caracterizados pela palidez geral, frialdade de todo o hábito externo, rijeza de membros, olhos baços, nódoas lívidas ordinárias na pele, e principalmente por uma putrefacção incipiente no abdómen, escroto, e parte interna das coxas.

Antes de procedermos á abertura do cadáver notámos uma magreza geral, que é a própria do marasmo; e que o ventre estava sobremaneira elevado, e meteorisado. Notámos também na parte interna do joelho direito um tumor, sem mudança de côr da pele, e outro menos volumoso sôbre o ôsso rádio do braço esquerdo e junto do pulso: o tumor do joelho continha quási duas onças duma matéria de côr parda, puriforme e linfática, depositada entre os músculos e o periósteo; o tumor do pulso continha matéria da mesma qualidade, porém mais espessa.

Quando se abriu o ventre, sairam mais de duas libras duma serosidade purulenta, amarelada e mui fétida; os intestinos estavam meteorisados, pálidos, aderentes uns aos outros, assim como ás paredes desta cavidade, apresentando também em toda a sua extensão uma grande quantidade de tubérculos de diversos tamanhos, e cheios da mesma matéria, que havia nos tumores externos do joelho e do pulso.

Os intestinos fôram abertos em toda a sua extensão, estavam sãos internamente e só continham uma pequena quantidade de bílis.

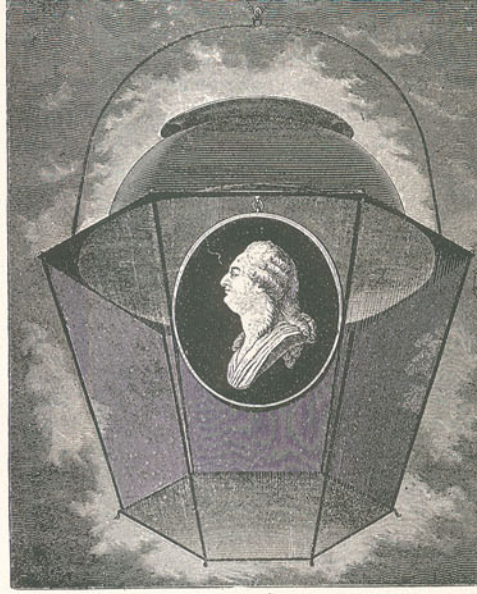
O estômago apresentou o mesmo estado; estava porém aderente a todas as partes que o cercam, pálido externamente e como coberto de pequenos tubérculos linfáticos e semelhantes aos da superfície dos intestinos; a sua membrana interna estava sã, assim como o píloro e o esófago.

O fígado achava-se aderente ao diafragma pela sua face convexa, e pela côncava ás vísceras que cobre; a sua substância estava sã, o seu volume era o ordinário e a vesícula do fel achava-se medeanamente cheia de uma bílis de côr verde escura.

O baço, pâncreas, rins e bexiga estavam sãos; o epiplon e mesenterio sem gordura e cobertos de tubérculos linfáticos semelhantes aos de que já falámos. Iguais tumores se viam na espessura do peritonéu, cobrindo a face interna do diafragma, cujo músculo estava são.

Os pulmões aderiram em toda a sua superfície á pleura, diafragma e pericárdio; a sua substância estava sã e sem tubérculos; sómente havia alguns perto da traqueia e do esófago. O pericárdio continha a ordinária quantidade de serosidade; o coração estava pálido mas no seu estado natural.

O cérebro e as suas dependências estavam na mais perfeita integridade.



Luiz XVI na lanterna

Todas as alterações, que acabamos de circunstanciar, são evidentemente o efeito de um vírus escrufuloso, que havia muito tempo que existia e ao qual deve atribuír-se a morte dêste menino.

A dez de Junho, ás oito horas e meia da noite, dois comissários civis e os comissários de polícia da secção do Templo se dirigiram á Torre do dito Templo, isto em conseqüência duma ordem da comissão de segurança geral, a qual ordenava que fôsse levado de aí o corpo do filho de Luiz Capeto, cujo corpo êles comissários acharam descoberto, e na sua presença foi metido num caixão de madeira e transportado imediatamente para o cemitério de Santa Margarida, situado na rua do mesmo nome, no arrabalde de Santo António, onde foi enterrado.

ACTE DE DÉCÈS DE LOUIS XVII.

Du Vingt quatre Prairial de l'an trois de la République.
Acte de Décès de Louis Charles Capet du Vingt de ce mois trois heures après midy
profession âgé de Dix ans deux mois
natif de Versailles Département de Seine et Oise domicilié à Paris aux tours du temple
Section du temple fils de Louis Capet, dernier Roy des français, et de Marie Antoinette
Joseph Jeanne Lautriche.
Sur la déclaration faite à la Maison Commune, par Etienne Lasne
âgé de trente neuf ans, profession gardien du temple domicilié à Paris Ancienne
Section des Droits de l'Homme N.° 48 le déclarant a dit être Voisin
et par Remy Bigot
âgé de cinquante sept ans, profession Employé domicilié
à Paris Vieille Rue du temple N.° 61
le déclarant a dit être ami

Vu le Certificat de Dusart Commissaire de police de ladite Section du Vingt deux de ce mois
Officier public Pierre Jacques Robin

Certidão de óbito do filho de Luiz XVI

As últimas linhas escritas por Maria Antonieta num livro de orações

Um desenho de Ferreira da Costa

UM PINTOR ESQUECIDO

Exilado voluntário no turbilhão de Paris

nunca deixou de pensar e honrar a sua Pátria

Há anos, antes da Grande Guerra, fôram afixados uns cartazes em Paris, desenhados por José de Bragança, que representavam um grande iman — o Coliseu — a atrair uma multidão compacta de parisienses, que ali acorriam para gôzo dum espectáculo qualquer. Êsse cartaz anda agora reduzido em pequenino, num anúncio dum teatro de Lisboa, porque sempre os bons espíritos se encontraram, pelos menos à porta dos teatros.

Paris é um iman muito maior que o Coliseu, que "atire tout le monde». No campo da arte, então, é o mais enganoso sorvedouro de ilusões, o mais perigoso encantador das serpentes ingénuas que trazemos no peito, nos miolos, na epiderme, em todo o nosso sêr, de sonhos, de ambições e de desejos. Deslumbrados pelo passado que nos ensinam nas escolas, mal o buço nos sombreia o lábio e o querer nos define a aventura, não há nada a impedir-nos de ir procurar, pelo assombro, os abalos de coração, os quais nos dão com o juizo em pantanas. E ai de quem morde e gosta do sabor agridoce daquele fruto de tentação pecaminosa!

Haverá algum artista português que não se tenha perdido naquele Paraíso em que tudo se encontra, mesmo quando tudo se perde? Cá por mim bem sei dos tormentos e das saüdosas paixões que me puzeram a vida em bolandas, ensinando-me um futuro de perdões e doutras maluqueiras que hei-de levar para a cova. Bem haja o mal para o bem e o bem que nos cura das maleitas!

Ferreira da Costa, um pintor que há muito mais de trinta anos partiu para Paris, em busca do tal sonho enganador, mas ao qual queremos bem como se nunca o encontrassemos e que mil vezes roça por quem o procura, esqueceu-se por lá de si próprio, ora em cismas, ora em pelejas e até em estonteamentos de triunfos, ficando suspenso nos rumos, apenas a lembrar-se de Portugal, onde foi nado, criado e esquecido. Há quási quarenta anos que Ferreira da Costa saboreia a incoerente dôr do exílio voluntário, sofrendo de liberdade e de ausência, entre uma multidão agitada e feliz, de revoluções e cantigas.

A boemia nunca tentou êste artista, que por índole e educação é um equilibrado e um tímido. A vida, porém, tem-lhe torcido e emaranhado a linha nítida da existência, forçando-o a avariados desvios na Arte, desde o de se transformar em cantor ou violinista para ganhar o pão com honra, ou de se voltar para o jornalismo, para as traduções de romances, e até para o cinema e gravação de discos. De premiado pintor nos *Salons* e chefe de decorações nos palácios da Bélgica, Ferreira da Costa tornou-se um excelente escritor, crítico musical e erudito investigador de preciosos segrêdos da História e da Arte. Continuamente busca novidades sôbre Portugal para as revelar nas revistas de muitos países estrangeiros, sem dêsse trabalho e dêsse amor à sua terra procurar receber um ceitil, um louvor ou uma fitinha para a lapela, tão apreciada nas ruas de Paris e agora um pouco nas de Lisboa.

D. João IV — Quadro de Ferreira da Costa, no Consulado de Portugal em Paris

Ferreira da Costa nunca se convenceu de que a moral dos tempos correntes houvesse levado tratos de polé, e hoje o homem não possa alcançar vitórias de espírito, sem cabotinar com o rico talento que Nosso Senhor deu aos da sua preferência. E, assim, sem um queixume ou uma revolta, fechado na teimosa boa educação fora de moda e na persistente esperança de ver o mundo retornar á lealdade das acções em compromissos com as palavras, o nosso pintor tornou-se um bicho do buraco, espreitando a terra através da história e iludindo a existência em convívios de estudo. Seria um caso raro, se o artista vivesse noutra terra, que não fôsse Paris, onde a par do mais equilibrado tino burguês e dos mais atribulados cuidados em face das ameaças duma guerra, reinará sempre a mais brilhante intelectualidade dos povos latinos.

«Allegro troppo» — Quadro de Ferreira da Costa, no Salon de Paris, 1922

Há pouco, por incumbência de amigos, pintou um quadro representando a "chegada de Gago Coutinho e Sacadura Cabral ao Brasil», assim como outro com a figura de "D. João IV», para o consulado português em Paris, onde já havia gravado uma "Caravela» para decorar um recanto da sua sala principal. Reproduzimos êsses quadros e mais um que há tempos lhe mereceu uma medalha no *Salon*, representando um modêlo no descanso. São obras apreciadas por amadores especiais, dados ás graças dum pincel adestrado e ás nuances das luzes emotivas. No Museu de Arte Contemporânea, em Lisboa, existe uma paisagem pintada por Ferreira da Costa, que é um mimo de ténica e efeitos de luz num bosque, em dia de inverno. Presumo ser esta a única obra dêste pintor nas galerias portuguesas. A ausência fê-lo esquecido dos conterrâneos, e no entanto ninguem mais recorda êstes do que o pintor, músico e escritor, que nas intimidades do seu *atelier* ao pé do Val-de-Grâce, se estiola sonhando — quem sabe? — com um regresso à Pátria onde tantas coisas mudaram, menos a crueldade dos homens.

Ás vezes, nas horas cinzentas da saüdade, quando a névoa da cidade conduz os pensamentos à distância, é agradável ouvi-lo contar os passos pitorescos doutros artistas nossos, que nos *ateliers* de Montparnasse ou do Bairro Latino, fizeram o seu estágio de pensionistas, como Alves Cardoso, Francisco Santos, Simões Sobrinho, Acácio Lino, Costa Mota Sobrinho, Constantino Fernandes, Oliveira Ferreira, Sousa Lopes, Alves de Sousa e tantos e tantos outros, hoje consagrados na sua terra, enquanto êle foi olvidado.

E a reboada de recordações passa-lhe no coração, em fio, umas atrás das outras, agora uma lição de Luciano Freire, logo uma anedota de Santa Rita, depois um dito de António Saude, e seguir uma gavrochada de Armando de Basto, todo um rosário de dôces evocações dos estudantes que por ali passaram, das gerações várias que o toparam sempre agarrado aos seus hábitos e à sua intransigência de *parigot* adoptivo, hoje convivendo com êste e amanhã com aquele, afeiçoando-se a todos, e por fim por todos abandonado, porque a vida ou a morte não consente escravidões românticas, como aquela em que só êle se sentia feliz.

De longe a longe, um velho camarada ou um amigo fiel, batem-lhe ao ferrolho. Para todos e inalteràvelmente acolhedor, êle está pronto a correr o velho Paris, e ir matar saüdades aos lugares das alegrias de outróra, a reviver o passado, pelo gôso efémero do presente. Foi companheiro de Brito Camacho, como o foi de António Joice e hoje o seria do mais novo estudante português.

Sempre moço de maneiras, sempre correcto no trato, dir-se-á que o tempo não lhe toca, quási confundindo as gerações, como se a todos pertencesse.

Ferreira da Costa, tem a maior parte da sua obra de pintor aferrolhada em galerias particulares da Flandres. Anos e anos para ali trabalhou, e do restante daquele labor os colecionadores de Paris souberam assenhorear-se. O seu *atelier* é hoje apenas um ninho de lembranças, lembranças dos mestres, dos amigos passados e dos próprios sonhares. Entrar ali é folhear um pouco de história romântica e revolucionária do despertar dêste século incoerente e inconstante, por assim dizer dêste ciclo provisório, visto ainda se ignorar a sua expressão definitiva. Ali se ouvem as melodias duma música íntima, se fala em meiguice com os quadros pequenos que guardou para a saüdosa evocação duma mocidade fugaz, e ali, entre livros velhos e papeis desbotados, o artista português colhe, distribui e por fim constroi uma obra de investigação artística, sempre a fitar Portugal, que o ignora e êle nunca esquece. Ultimamente trazia em projectos a compilação em volume de mil documentos, por si descobertos, sôbre a actividade do Prior do Crato, em França, relacionado na Côrte e a provocar já uma influência, ainda que longínqua, na Restauração de 1640, apoiada em parte pelos reis Henrique III e IV. Além dêstes excelentes subsídios de oportuna publicação, desejou revelar outros documentos inéditos e preciosos, onde um tal *Velasques-pintor*, António Ramos e Bronal, comissário de Richelieu, andaram metidos em conspirações com o mesmo fim, etc., etc. Este utilissimo volume de segrêdos, devia interessar sobremaneira à Comissão Organizadora dos Centenários do ano que vem, mas porque o nosso compatriota vive longe do Chiado, ficarão ocultos e talvez perdidos, sem o socorro nacional para a sua publicação.

Portugal prepara neste momento uma resurreição plástica e viva, dos séculos mais gloriosos da sua História. Foram para isso convidados escritores, investigadores e artistas, que por sua vez recorrem á colaboração doutros irmãos, a fim de se realisar uma obra completa e patriótica, na qual os principais arquitectos, escultores e pintores — salvo se os ratos comerem os gatos — darão o melhor do seu engenho, para que o Estado mereça dos artistas como êles devem merecer da Pátria. É de crer que Francisco Smith, outro pintor português que o destino forçou a viver no exílio de Paris, seja chamado a decorar qualquer pavilhão, com aquele seu pitoresco anotar da paisagem e das cênas portuguesas, que lhe deram nome em França.

Ferreira da Costa — Desenho de Rui Aragão

E' também de esperar que Eduardo Viana, outro exilado de muitos anos, seja convidado a vir da Bélgica, para enriquecer com a exuberância da sua paleta, as paredes de qualquer outro pavilhão. É natural, que para honra nossa, êstes artistas e outros mais que temos na vadiagem de além fronteiras, sejam lembrados pelos directores das festas.

Só de Ferreira da Costa, o meu pessimismo, apoiado no conhecimento da ingratidão de quem não tem tempo para cuidar da justiça, ninguem se lembrará por certo, porque "quem não aparece, esquece», e porque "dos modestos não colhe fruto a vaidade».

Tudo isto é tão triste como as horas de desânimo desta hora de lutas ferozes que o pintor, escritor e músico português, João Ferreira da Costa, vive no seu exílio voluntário de Paris, honrando e evocando Portugal, que o esqueceu quási totalmente!...

DIOGO DE MACEDO.

Gago Coutinho e Sacadura Cabral chegando ao Brasil — Quadro de Ferreira da Costa

MUSSOLINI ÍNTIMO

Mussolini, combatente da Grande Guerra

O exame minucioso da vida íntima dos homens é, às vezes, árida curiosidade de historiadores ou contos de biógrafos. Mas, quando a personalidade que é objecto da investigação imprimiu seu carácter no tempo, quando, através do homem, se procura compreender e em especial, melhor conhecer os valores ideais da sua obra, então a investigação dos detalhes biográficos assume um valor e uma razão de ser. É um meio para aproximar-se dos grandes homens.

A fixidez do olhar de Mussolini

Em tôda a obra de Mussolini sente-se, com a impressão do génio, uma vasta compreensão humana; são todavia, os episódios de sua existência de filho, de irmão, de pai, que mais nos permitem aproximar de seu espírito. É assim que os humildes a êle se sentem unidos e o compreendem através de sua sensibilíssima humanidade.

Não se deve procurar conhecer Mussolini, sómente nas páginas de seus biógrafos, mas é preciso ler o que êle mesmo escreve da sua vida.

Nas suas narrações, às vezes êle fala baixo, como para melhor esconder a emoção de sua alma; outras vezes, as recordações de sua infância brilham de júbilo sereno. Os alegres episódios da infância, as corridas com seu irmão Arnaldo no meio das videiras de Cuclon, "vinha que não produzia mais do que um carro de uva", os primeiros sucessos na escola, as primeiras esperanças e as primeiras decepções, tudo isto, é lembrado por Mussolini, com um sentimento, de comovente ternura.

Nas páginas que o Duce consagrou à memória de seu irmão Arnaldo, parece que êle narre a si mesmo a história da sua infância e das lutas que ambos enfrentaram, para estar mais perto do grande amigo desaparecido.

Êsse livro iniciado em 25 de Dezembro de 1931, "um dos mais tristes Natais" da sua vida, parece abolir o tempo e a distância. Mussolini lembra e revive; as figuras impressas no seu coração de criança apresentam-se de novo, vivas à sua memória.

É na sua avó, "alta, magra, sempre em movimento", cujo estribilho habitual era "Maldição ao pecado mortal", que Mussulini pensa, escrevendo as primeiras páginas do Livro de Arnaldo. É nela que êle pensa, porque a lembrança do seu primeiro desgosto de criança, o apróxima ainda mais do seu Irmão desaparecido.

Eles tinham passado a tarde com a mãi na vinha de Cuclon; tinham cantado com ela velhas canções patrióticas. Mas ao voltar para casa, ao pôr do sol, encontraram a avó moribunda. Neste ponto da narração percebe-se uma ligeira comoção na sua voz; é o mesmo tom baixo, de quando fala daqueles que muito amou.

Durante os anos difíceis de sua estada na Suiça, a recordação e as saudades de sua adorada mãi, dá-lhe a fôrça para crêr e para lutar. Também aí nas horas tristes, êle lembra sua infância para sentir-se mais perto de sua terra e de seus parentes. Êle revê os campos, as videiras carregadas de cachos maduros, onde êle quis "gozar, gozar muito" dos últimos dias de liberdade antes de entrar para o colégio de França.

Êle devia abandonar o belo regato de águas cristalinas, suas árvores, e o seu canário na gaiola dependurada debaixo da janela. Era êste grande desgosto para sua alma de criança; e êle narra tudo isto, com a simplicidade que lhe é habitual, quando fala da sua vida.

É a mesma simplicidade com a qual narra o seu jornal de guerra de ter ido como voluntário em reconhecimentos perigosos, e descreve os dias passados no pequeno hospital, quando seu corpo estava estraçalhado por quarenta e duas feridas.

Seu pensamento é para a Pátria, orgulhoso de ter "regado com seu sangue a via de Trieste".

Como em todos os seus escritos, o sentimento profundamente humano de Mussolini se revela em cada episódio de sua vida.

Só os bons sabem compreender a alma das crianças.

Todos quantos, viram o Duce com seus filhos Ana Maria e Romano, na praia de Riccione ou nos jardins da Villa Torlonia, compreenderam o segrêdo da eterna juventude do seu espírito, essa juventude que conhece tôdas as ousadias e reconheceu seu entusiasmo e sua paixão nas emprêsas heroicas de Vittorio e de Bruno nos céus de África.

Ela deriva de sua fé e de seu amor pela vida, que é bela, e que deve ser conquistada e vencida, sempre, mesmo nos momentos negros, quando surge a sombra de uma dúvida.

Ser o que se é. É isto que Mussolini quiz.

Ele é sempre êle mesmo, tanto na sua vida de homem político, como na intimidade da família.

Junto aos discursos que como uma gravura no bronze, trazem os sinais do destino da Itália, suas cartas, seu jornal, o livro de Arnaldo.

Nenhuma biografia por mais apaixonada e fiel que seja, poderá comover tanto, como estas páginas, onde, absorvido pelas visões longínquas, êle fala docemente de sua vida.

Mussolini, soldado da Grande Guerra

FIGURAS E FACTOS

← O véu da comungante, *por Carlos Reis.* — *Em cima: o quadro* Gente do mar, *de João Reis*

Mestre Carlos Reis, o pintor excelso de tantas maravilhas, não pára nem descansa. O seu pincel mágico rejuvenesce de dia para dia. Expõe agora na S. N. de Belas Artes um novo quadro, uma nova obra prima — *O véu da comungante* que é um verdadeiro prodígio de concepção, execução e colorido. A seu lado expõe João Reis, seu filho e discípulo querido, que mais uma vez honra o mestre com a sua magnífica tela *Gente do mar*. João Reis é um grande pintor que nos atrai, comove e delicia, honrando quem lhe ensinou a pegar na paleta e a dar às tintas a verdadeira expressão da Vida

O eminente escritor sr. dr. Júlio Dantas com o sr. ministro da Itália e outras individualidades, no acto da entrega de um exemplar da «Encicopédia Italiana» oferecida pelo govêrno de Roma à Biblioteca Nacional de Lisboa. — *A' direita:* A nova direcção da Sociedade de Geografia com algumas individualidades que assistiram ao acto da posse

Carlos Olavo, cujo espírito é tão cintilante como irrequieto acaba de publicar *A vida turbulenta do Padre José Agostinho de Macedo*. Este assunto que se encontrava, por assim dizer, quási ignorado ou esquecido, vibra naquelas vigorosas páginas em tôda a sua grandeza, em tôda a sua intriga, em tôda a sua verdade

Capital do Espírito se intitula o novo livro de Luiz Forjaz Trigueiros. Nas suas páginas de bela prosa portuguesa estão condensados os ensinamentos franceses que o autor foi colher no seu interessante inquérito às mais altas cerebrações actuais da França, formando-se assim um livro precioso, sugestivo e oportuníssimo

Armando de Aguiar o remexido jornalista, cujas reportagens através de diferentes países são bem conhecidas, partiu para uma nova longa viagem para as Colónias portuguesas, tencionando, de caminho, visitar o Extremo Oriente. Do que observar dará conhecimento, em breve, aos leitores da *Ilustração*

Fumo de longe intitula o jóvem poeta Feliz Ventura o seu livro de versos. Há harmonia, há ritmo e inspiração nas suas composições. A maior recomendação que pode fazer-se a êste punhado de pequeninos poemas é a de que o seu autor não fez disparates futuristicos para se evidenciar

A saüdosa artista D. Ernestina Freixo

DA VIDA

UMA GRANDE ARTISTA QUE

Quási um século de

NADA mais comovente e digno de respeito do que a carreira triunfal dos grandes Artistas. De-pressa o que foi luz e apoteose esmorece e acaba com o perpassar dos anos e com as audácias das novas gerações em busca da Beleza eterna. Os velhos, que um dia viram brilhar o sol da mocidade, principiam a meditar no significado da Vida: logo a saüdade abre sepulturas em corações cansados, imediatamente o recordar de cada momento é como uma cruz erguida no cimo das últimas esperanças e cada alegria antiga surge transformada na mais sentida lágrima de tristeza e pesar. O Passado resplandece porque nêle a juventude perfuma glória e ilusões; o Futuro, porém, apresenta-se sombrio e incerto. Dentro de tal ordem de idéias, D. Ernestina Elisa de Barros Freixo, a artista de privilegiado talento, falecida a 17 de Março dêste ano, só teve a consolá-la, nos últimos anos, as evocações do seu passado perfulgente, o carinho dos seus velhos amigos e a ternura de alguns jóvens discípulos. Na sala da sua residência, na Travessa do Guarda-Mor, 10, 1.º, as paredes andavam repletas de recordações: belas fotografias deixavam enxergar os prodígios da arte incomparável de Francisco de Andrade como actor, já que se lhe não podia ouvir a voz potente, e a elegância apurada de António de Andrade, o notabilíssimo tenor que criára, em S. Carlos, o difícil papel de Aben-Afan, na ópera "D. Branca", de Alfredo Keil; depois eram os retratos de cantores célebres, de violinistas e compositores eminentes. Lá estavam, diante da nossa curiosidade, Kaschmann, De Lucca, Perelló, Maria Van Zandi, Viana da Mota, Alfredo Keil, Henrique Sauvinet, Francisco Benetó e tantos outros. Para nada faltar, até um desenho inédito de João de Deus mostrava quanto o sublime poeta algarvio estimava a excelsa pianista portuguesa.

D. Ernestina Freixo, que possuia uma das mais extraordinárias organizações musicais de Portugal, tinha apenas seis anos quando tomou parte num concêrto, a que assistiu o rei Fernando. O monarca, ao escutar a gentil e pequena artista tocar piano com tanto desembaraço, ficou maravilhado, e, num dos intervalos, mandou-a chamar ao camarote real para a beijar e acarinhar: já a conhecia do Passeio Público, quando, nos sossegados domingos lisboetas daqueles saüdosos tempos, as crianças o cercavam, cantando e rindo, convencidas de que mãos soberanas lhes afagariam as róseas faces.

Depois vieram concêrtos de mais responsabilidade e festas deslumbrantes em S. Carlos ou em sumptuosos salões da Lisboa aristocrática. O marquês de Fronteira, músico muito distinto, sempre a distinguiu com a melhor amisade e admiração, e, nas Caldas da Raínha, o Infante D. Augusto e o próprio Rafael Bordalo Pinheiro, encantavam-se com a arte delicada da grande pianista, tão inteligente e culta quanto modesta e simpática. Pinheiro Chagas escrevia estas eloqüentes palavras, em 19 de Julho de 1888, no *Correio da Manhã*: "...Cantou o dueto dos *Piscatori:* Não, o que ela, é, é sobretudo cantora. Toca uma *Cracovienne* e exclamámos: Oh! Pianista, sobretudo. Volta a cantar uma melodia de Keil, e exclamámos: Acima de tudo cantora. E assim estaríamos até à consumação dos séculos, porque decididamente, o que ela é, é uma lira com tôdas as cordas".

Como afirmaram em artigos críticos o dr. Alfredo Pinto (Sacavém) e Adriano Mereia, D. Ernestina Freixo ajuntava ao mecanismo perfeito e ao segrêdo de fazer cantar o piano sob os seus dedos o raríssimo talento de extraordinária repentista, lendo à simples vista com admirável fidelidade e transportando com uma rapidez espantosa. Ela foi, por mais duma vez, a salvação de cantores de fama ou de simples amadores.

António de Andrade, velha e gloriosa relíquia da Arte Portuguesa, no dia do falecimento da ilustre pianista e professora de canto, dizia-nos com as lágrimas nos olhos: "Nunca conheci, quer no estrangeiro, quer em Portugal, quem lêsse música à simples vista e acompanhasse mais prodigiosamente que D. Ernestina Freixo".

Há um facto que merece especial menção. Quando o célebre violinista Jacques Thibaud esteve, pela primeira vez, em Lisboa, num concêrto no salão da Trindade, à última hora faltou o acompanhador, que adoecera repentinamente. Henrique Sauvinet, correu à plateia, em busca de D. Ernestina Freixo. Esta disse para Thibaut: "Pode tocar absolutamente à vontade!"

O concêrto começou ante a ansiedade dos ouvintes. A acompanhadora deixava a máxima liberdade ao solista, e o público tinha a impressão dum milagre. Não há palavras que traduzam o entusiasmo dos aplausos. Thibaud mostrava-se extasiado, e, pousando o violino sôbre o piano, ovacionou aquela que era, sem dúvida, a primeira acompanhadora portuguesa e uma das mais notáveis pianistas do nosso país.

Tomou parte em afamadas festas da Real Academia de Amadores de Música e da Sociedade de Música de Câmara, e foi brilhantíssima colaboradora em todos os memoráveis concêrtos históricos promovidos com superior competência pela grande cantora D. Sara Vieira Marques.

A Sociedade de Música de Câmara, que então exercia a mais benéfica influência artística, ofereceu-lhe, em 1906, como prova de maior aprêço, o primeiro exemplar duma medalha de bronze, preciosa obra de arte assinada por Adolphe Rivet. Em 1897, a Real Academia de Amadores de Música conferia-lhe o diploma de sócia honorária.

A revista "Eva", em 25 de Maio de 1929, promoveu-lhe uma festa de homenagem na Academia dos Amadores de Música, festa em que falou o sr. Tomaz Borba, eminente e conhecido professor do nosso Conservatório de Música. Uma série de artigos exalçaram o valor de D. Ernestina Freixo, que então se sentiu acarinhada por Viana da Mota, António de Andrade, Rui Coelho, Manuel Benjamim, Adriano Mereia, D. Luís da Cunha Menezes, Alfredo Pinto (Sacavém), Tomaz Borba, etc.

Ainda aos 83 anos conservava o verdadeiro culto da arte: gostava de conviver com os artistas, e para os novos tinha sempre um conselho, e os seus discípulos puderam, mais duma vez, avaliar não só a sua competência profissional como os primores da sua alma. "No "Diário de Lisboa", de 17 do mês passado, lêem-se estas palavras: "A sua conversação estava repleta de esplêndidas evocações, em que surgiam, na luz da saüdade, as noites triunfais de S. Carlos, os cantores que conhecera, e, finalmente, a própria figura de Taborda, o genial actor que, bastas vezes, lhe aconselhara a carreira teatral".

Neste momento, chega-nos à memória, como expressão de justiça, o que, em 31 de Julho de 1900, Afonso Vargas, escreveu em "A Arte Musical": "Noutro meio avaliá-la-iam mais; aqui, tais como somos, todos nos limitamos a aplaudí-la muito, o que, se é deveras pouco já, aliás, demonstra uma certa vontade de corrigir pelo coração tudo quanto, infelizmente, nos mingua em cérebro..."

Eram agradabilíssimas as reüniões em casa da D. Ernestina Freixo: ali iam os irmãos Andrades, então no apogeu das suas carreiras artísticas, o dr. Ferreira Cardoso, eminentíssimo flautista, o marquês de Fronteira, tão fidalgo como distinto pianista, Henrique Sauvinet, magnífico temperamento de músico, João Passos, Júlio Silva, dr. Alfredo Pinto (Sacavém), dr. Alberto de Morais, Adriano Mereia, Manuel Benjamim, Augusto Rosa, João Rosa, Alfredo Keil e tantos outros.

"A sua figura artística — escreveu Alfredo Pinto (Sacavém) — não morreu, porque como apóstolo da Música na terra, a sua arte espalhará para sempre o reflexo da sua alma. É esta a minha fé".

MAGNUS BERGSTRÖM

Desenho inédito de João de Deus oferecido à ilustre artista D. Ernestina Freixo

QUE PASSA

ACABA DE DESAPARECER

triunfos musicais

D. Ernestina Freixo no apogeu da sua glória

Um dos últimos saraus da genial pianista

Curioso grupo tirado nas Caldas da Raínha em Julho de 1888, vendo-se D. Ernestina Freixo (a segunda do segundo plano)

Um estudante que estava fazendo exame, mostrava saber tão pouco de tôda a matéria que lhe preguntavam, que, por fim, o examinador, perdendo a paciência, apresentou-lhe um cartão de visita fazendo-lhe ao mesmo tempo, a seguinte mordaz observação:
— Para poupar trabalho e tempo, é melhor o senhor escrever tudo quanto sabe aqui neste bilhete, se faz favor.

■

Mulher: — Não; o que é verdade é que tu deixaste de amar-me; já descobri isso, há muito tempo.
Marido: — Se o descobriste, foi porque o amor que me tinhas, acabou. O amor é cego, bem o sabes.

■

Matilde: — O Anibal ficou de vir pedir a minha mão, esta tarde. Estou tão nervosa, por isso!
Helena: — Tens receio que o teu pai não dê o seu consentimento?
— Não; tenho receio mas é que o Anibal não apareça.

■

— Aquele Porfírio está cada vez mais gordo, não vês?
— Vejo. Se te parece! Engorda com os ovos e a manteiga...
— Come então demasiado?
— Não... Vende muito.

■

Um cavalheiro casa com uma menina rica e dois dias depois sai-lhe a sorte grande na lotaria.
— Olha que pouca sorte a minha! — diz êle — Se isto vem dois dias antes, não escusava eu fazer a tolice de casar?!...

O banqueiro para o jóvem que lhe solicita autorização para ser seu genro:
— Quere casar com minha filha? De que fortuna dispõe o sr.?
— Nada possuo, digo-o com tôda a franqueza. De resto, a culpa não é minha. Pobreza não é defeito...
— Pois não; é muito pior.

■

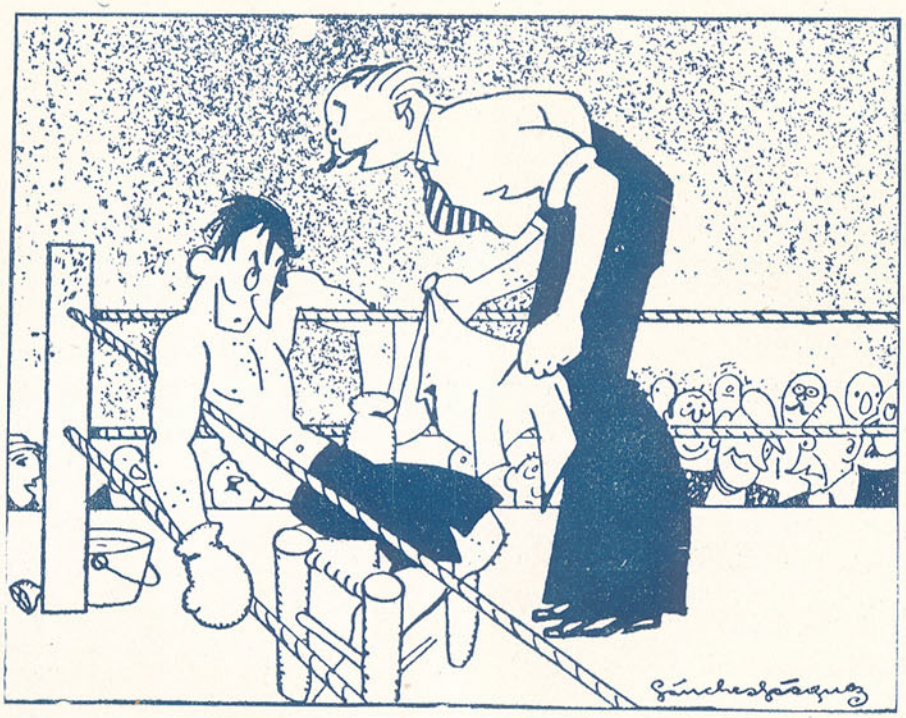
No tribunal:
— O reu já foi condenado alguma vez?
— Sim, sr. dr. delegado, há quinze anos.
— E de então para cá o que tem feito?
— Aguardando serenamente o cumprimento da pena.

■

A mãi: — A vitelinha fez hoje um caldo magnífico.
O filho, de 5 anos: — Ó mamã, mas se a vitelinha estava morta como podia ela fazer o caldo?

■

Êle: — Se eu desaparecesse, tu não me chorarias?
Ela: — Oh, sim! Bem sabes que choro por qualquer coisa!



— Coragem, falta-te apenas um «round»...
— Um «round»... e um ôlho!...

— Mas você nesse estado não se agüenta nas pernas e ainda quebra a cabeça. Vá para casa.
— Isso é que eu não vou.
— Vá, homem. Se calhar, sua mulher está à sua espera.
— Pois por isso mesmo é que eu não vou.

■

— Porque beijaste aquele rapazinho no baile das Limas? Previno-te, minha filha, de que isso não se faz!
— Mas, mamã, êle, coitado, acabava de me contar que lhe tinha morrido uma tia, e eu estava cheia de pena...
— Conheço bem êsse rapaz e tenho a certeza de que, no fim desta semana, nem um só membro da sua família estará vivo!...

■

Aquele homem aparecia nos restaurantes, nos "cabarets — sempre sòzinho: sòzinho comia; sòzinho saía. Sòzinho, mudo, misterioso.
— E' sem dúvida um espião — murmurou uma senhora a quem intrigava aquele mistério.
Objectaram-lhe:
— Um espião sempre sòzinho? Mas como espionaria êle?
— Deve-se vigiar a si próprio — retorquiu gravemente a senhora suspeitosa.

■

Um jogador contumaz da Bôlsa, a pesar da sua avareza proverbial, pretende alardear de generosidade magnânima.
— Nunca deixo de socorrer os necessitados. Dou sempre a todos que me pedem esmola...
E como, em redor, há sorrisos de incredualidade, o ávaro pormenoriza:
— Não tenham dúvidas. Mal vejo aparecer um pobre, meto logo a mão à algibeira...
— De quem?... — preguntou alguém do lado.

■

— Logo que o apanhe, encho-lhe a cara de bofetadas. O maroto anda a dizer por aí a meio mundo que sou um desavergonhado?
— E tens razão... Esta gente não é capaz de guardar um segrêdo!

■

Lili, em casa de amigos da província, escreve a sua mãi, que ficou em Lisboa, nos seguintes carinhosos termos:
"Querida mãizinha, beijo-te afectuosamente por escrito, enquanto o não posso fazer de viva voz"...

■

Um turista, em Londres, dirigiu-se a um "policeman" — perguntando-lhe:
— Para que serve o seu jugular? É realmente para segurar o capacete?
— Não. É para repousar o queixo depois de responder às preguntas inúteis que me fazem.

VIDA ELEGANTE

Festas elegantes

Na elegante residência da sr.ª D. Mécia Mousinho de Albuquerque, realizou-se uma interessante festa, durante a qual se procedeu à leitura da peça «Abnegação», autoria desta ilustre poetisa. Antes da referida leitura feita pela sr.ª D. Georgina Cardoso dos Santos, o ilustre crítico teatral sr. Cardoso dos Santos, disse algumas palavras sôbre a obra que ia ser lida.

A esta interessante festa assistiram entre outras pessoas, as seguintes:

Condessa de Ficalho, condessa de Avilez (D. Virginia), (D. Maria Castelino), D. Maria Francisca de Avilez Acciolo e sobrinha D. Maria José: D. Elvira Jara de Albuquerque de Orey, D. Adelaide Bramão, D. Georgina Cardoso dos Santos, D. Eulália Sellés de Sande e Castro, D. Maria do Carmo de Orey Velasco, D. Madalena Trigueiros de Martel Patrocínio, D. Branca da Silveira e Silva (Giesta), D. Maria de Lourdes Gusmão Gaivão, D. Maria do Carmo Charters de Azevedo Lopes Vieira, D. Maria Brissac Neves Ferreira de Campos, D. Maria da Piedade de Orey de Azevedo Coutinho, D. Luiza Wander-Machon de Orey, D. Piedade de Avillez, D. Maria Júlio de Brito e Cunha, de Avillez, D. Beatriz Arnut, D. Fernanda Teixeira e filha D. Henriqueta Benxsaude, D. Ana Isabel Novais de Mascarenhas Ataíde, D. Maria Rosa de Mendonça e filha, D. Maria de Penh x de Orey Pereira Coutinho e irmã etc.

E os senhores:

Conde de Avillez, Cardoso dos Santos, Vasco de Mendonça Alves, D. Alberto Bramão, António Pais de Saúde e Castro, Dr. André Vemasco, D. Luiz Pereira Coutinho, Pedro de Queiroz Caivão, D. Eugénio de Avillez, Fausto de Avillez, Luiz de Cocq de Albuquerque de Azevedo Coutinho, Dr. Lobo de Campos. Dr. Cherters de Azevedo Lopes Vieira, Manuel Gil de Orey, José de Campos e Sousa, João Maria Ferreira, José Maria Teixeira, etc, etc.

No Clube Brasileiro

Sob o patrocínio da ilustre Embaixatriz do Brasil, coadjuvada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade e da colónia brasileira, realizou-se, nas novas salas do Clube Brasileiro, à Rua Victor Cordon, um chá-Mah-Jong, que decorreu sempre num ambiente de elegância e animação.

Entre a assistência vimos, entre muitas outras senhoras, as seguintes:

Condessa de Tomar, Viscondessa de Alvelos, D. Sara Burnay Paiva de Andrade e filhas D. Rita de Sommer Pereira, D. Maria Rita Dann e Lerena Calheiro, D. Maria de Carvalho Daunxe Lorena Bruges de Oliveira, D. Gilda de Mesquita Guimarães, D. Maria de Jesus Gil Beltrão, D. Stela Belmarço da Costa Santos, Madame Belmarço, D. Sofia Cagi, D. Maria Luiza Antunes dos Santos, D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques, D. Clara Buzalgo, D. Maria Luiza Falcão Antunes dos Santos, D. Helena Antunes dos Santos Ramiro Leão, D. Maria de Lourdes de Campos Bastos Lopes, D Maria da Costa de Sousa de Macedo (Estarreja), D. Maria Lucinda de Meeiros Antunes, D. Ilda Paiva de Andrade Rau, D. Amparo Schmidt, D. Paulina de Noronha (Paraty), D. Ana Moraes, D. Gina Raul, D. Ester Leão Lalemant, D. Beatriz Benjamim Pinto, D. Elisa An unes dos Santos Vasconcelos, D. Margarida Bastos Lopes, D. Ana Moreira, D. Maria Mendes Leal, D. Jeanne Santana, D. Angela Muran de Mendonça, D. Maria Emília Ferreira de Barros, D. Maria Margarida Mexias Bramão, D. Leonilde Ribeiro, D. Maria Luisa de Mendonça, D. Maria das Dores Trigoso, D. Judit Benjamim Pinto Gonçalves, D. Maria Santos de Vilhena, D. Maria Nédia de Serra e Moura, D. Gabriela Gomes de Vilhena' D. Maria Gomes de Oliveira, D. Maria Antónia Salyer Belmarço, D. Albertina Teixeira dos Reis (Madame Supardo), D. Maria Eugénia Maia, D. Ema Dias (Madame Monastério), D. Maria Amália Ribeiro Marques (Madame Belbeuck), D. Melba Mendes Dias, D. Maria Helena de Oliveira Neves, D. Maria do Carmo Burnay Paiva de Andrade, D. Maria José Antunes dos Santos, D. Febra Leão, etc etc.

No próximo dia 15 de Abril realizam-se duas festas que devem marcar como elegância e concorrencia. Uma realiza-se nas salas do Clube Tauromáquico, festa que substitui a que todos os anos se realiza por ocasião do Carnaval, e que sempre constituiu um enorme sucesso mundano, e a outra, realiza-se no salão do Restaurante do Casino do Estoril, festa em homenagem à Mocidade Portuguesa, cujo produto reverterá a favor do seu cofre.

Diplomatas

O ilustre embaixador do Brasil, entre nós, e sua esposa M.me Araujo Jorge, ofereceram no palácio da embaixada um elegante jantar em honra do embaixador de Espanha, em Portugal, sr. Nicolas Franco e a sua esposa.

Além dos homenageados tomaram parte o embaixador Luís Teixeira de Sampaio, Secretário Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Ministro Argentino e sr.ª Perez de Quesada, o encarregado de negócios de Cuba e sr.ª Arce, os condes de Santar e de Casteja e esposas, a condessa de Taboeira, D. Natália de Moñoz e Puigx, o primeiro secretário da embaixada de Espanha, e sr.ª Alvaro Seminário, o marquez de Vila Hurrutia, D. Andrés de Covarrubias e esposa, o Consul Geral do Brasil e sr.ª Pinto Dias, e o secretário da embaixada do Brasil e sr.ª Thompson Flores.

— Na Legação de Portugal na Santa Sé, foi oferecido pelo ministro e sr.ª V. de Quevedo ao embaixador do Brasil, sr. José Bonifácio de Andrade e Silva, que atingiu o limite de idade e regressou ao Rio de Janeiro.

Assistiram:

Princesa Boncompagni, princesa de Monteroduni Pignatelli, princesa Barberini (D. Francesco), embaixador da Bélgica, Baron de l'Escaille, embaixador do Brasil e M.me Andrade e Silva, marquez e marqueza Dragonetti de Tôrres, duque e duquesa de Terranova, primeiro secretário da embaixada de Espanha, coronel de Watteville, adido militar da Suíça no Quirinal e M.me Galvão Bueno, primeiro secretário da embaixada do Brasil, M. Fritz Menshausen, conselheiro da embaixada da Alemanha, D. Maria de José Quevedo e dr. Ponce de Leão.

Casamento da sr.ª D. Maria Leopoldina dos Anjos com o sr. João Manuel Ferreira Gonçalves
(Foto Cabral)

Casamentos

Realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Leopoldina dos Anjos, filha da sr.ª D. Leopoldina Maria dos Anjos e do sr. Francisco António dos Anjos, já falecido, com o sr. João Manuel Ferreira Gonçalves, filho da sr.ª D. Custódia da Costa e Silva e do sr. António Ferreira Gonçalves, já falecido.

Serviram de padrinhos por parte da noiva, o sr. Evaristo Domingues e esposa e por parte do noivo, o sr. Manuel Pereira e esposa.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche seguindo os noivos para o Norte onde foram passar a lua de mel.

— Na paroquial da igreja dos Anjos realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Dorotea de Castro, gentil filha da sr.ª D. Berta da Conceição de Castro, com o sr. Francisco Alvarez Vidal, filho da sr.ª D. Dolores Vidal Alvarez e do sr. Florencio Alvarez.

Serviram de padrinhos por parte da noiva a sr.ª D. Lia Pereira Reis e o sr. Carlos Costa Reis, e por parte do noivo, a sr.ª D. Rosa Simas Barreiro e Francisco Simas Alvarez.

Finda a cerimónia religiosa, teve logar no «Tavares» um fino lunch.

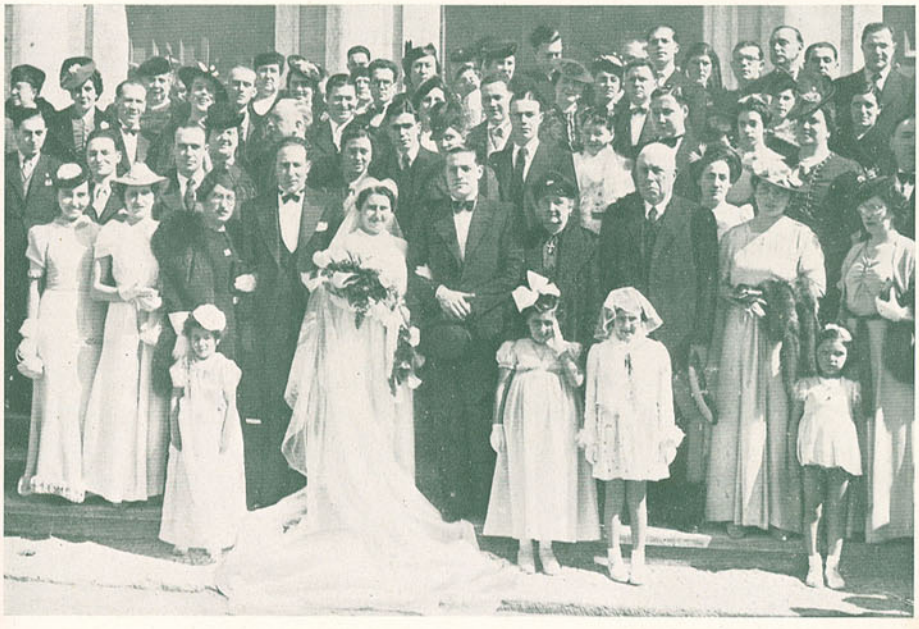
Aos noivos, fôram oferecidas muitas e valiosas prendas.

— Na paroquial igreja da freguezia de Escorquela, concelho de Sernancelhe, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Elvira de Jesus Caulino Lemos, gentil filha da sr.ª D. Tereza de Jesus Caulino Lemos, e do sr. Orlando Vila Nova de Lemos, com o sr. Silvio Augusto Ferreira.

Fôram padrinhos dos noivos, os pais da noiva.

Depois da cerimónia religiosa, que revestiu grande imponencia, os noivos partiram para o Algarve a passar a lua de mel, devendo depois partir para Quelimane, onde vão fixar residência.

Aos noivos fôram oferecidas valiosas e lindas prendas.



Casamento da sr.ª D. Maria Dorotea de Castro com o sr. Francisco Alvarez Vidal. Os noivos à saída da igreja dos Anjos
(Foto Serra Ribeiro)

O encontro Sporting-Pôrto, no campeonato nacional de futebol foi o jôgo mais emocionante das competições da época. O empate conseguido pelos lisboetas a golpes de energia, nasceu do constante embate do avançado centro Peyroteo com o trio defensivo portuense, do qual esta fase é exemplo frisante

A QUINZENA DESPORTIVA

A temporada de atletismo de inverno termina amanhã com a disputa dos campeonatos nacionais da corrida de corta-mato e não pode escrever-se a seu respeito que tenha decorrido com interesse ou brilhantismo.

De há seis ou sete anos para cá o programa organizado pelos dirigentes de Lisboa é invariàvelmente idêntico, incluindo sempre as mesmas provas, os mesmos percursos e quási os mesmos corredores opostos nas mesmas condições.

Desapareceu tôda a originalidade, todo o imprevisto, e a classificação da primeira corrida serve de padrão para as restantes. A única prova susceptivel de trazer surprezas ou obrigar os melhores a empregarem-se a fundo, que era o "cross handicap" por categorias, até essa foi suprimida desde a época em que a má sina quiz que voltasse a passar pela comissão técnica da Associação certo indivíduo que, por mal do atletismo, possui no meio influência de que não é digno e tantos defeitos que lhe anulam algumas qualidades.

A êste propósito é oportuno lamentar a crise de competência que lavra de maneira avassaladora nos dirigentes regionais dêste infeliz desporto; valendo-se da sua acção como jornalista, um homem conseguiu dentro da entidade regional lisboeta uma influência oculta em que é servido pela complacência de dirigentes que só valem pelas referências encomiásticas dos comentários de sua autoria. E essa criatura, á qual os representantes dos clubes da capital não reconheceram idoneidade nem caracter para seu delegado num congresso da Federação, esteve a ponto de ser eleito secretário dêste organismo pelas maquinações dos tais cumplices que habilidosamente haviam conseguido transformá-lo em delegado portuense!

A combinação gorou porque houve ainda quem ousasse dizer alto a verdade e se opuzesse com o seu prestígio e honestidade — coisas que o candidato não possuia — à entrega dum cargo de máxima importância a indivíduo desacreditado e que não encontrou quem quizesse autorizar a inclusão do nome na mesma lista em que figurasse o seu.

No entanto, o acidente é bem sintomático da desorientação reinante e do estado de espírito, ou antes do estado de falta de espírito, de quem cuida das necessidades gerais do mais belo dos desportos, antepondo-lhes sem escrúpulo as satisfações de vaidade pessoal ou as conveniências dos clubes prediletos.

Felizmente a corrente contrária, a dos bem intencionados, dos que são em verdade desportistas, opõe ainda uma barreira resistente ao assalto demolidor. Não houve ainda a decisão nem a coragem para varrer a casa, mas, pelo menos, abriram-se as janelas e enxotaram-se os parasitas.

■

Estamos a pouco mais dum ano das grandiosas comemorações do Duplo Centenário, em cujo programa foi anunciado desde os primeiros dias a inclusão de provas desportivas de caracter nacional e internacional e de importância invulgar. Falou-se, por exemplo, da organização dos primeiros Jogos Imperiais Portugueses.

Os meses vão, porém, passando sem a a mínima manifestação de actividade que indique a marcha dos trabalhos preparatórios de tão complexas emprezas, impossiveis de levar a cabo, com êxito, de improviso; o tempo que resta é já escasso e começamos a duvidar da realidade dos projectos divulgados e que talvez tenham representado unicamente um desejo ou uma aspiração tomados pela verdade.

O nosso septicismo estende-se ainda mais longe e força-nos a supor que nem sequer o Estádio Nacional teremos construído para 1940, tão profundo é o silêncio que envolve a acção das pessoas encarregadas do estudo e gerência das obras, e tanto tarda o início dos trabalhos intensivos de edificação.

Não é em meia duzia de meses e com os recursos do país que se ergue um estádio monumental, que se apronta um campo relvado e se assenta o piso duma pista cendrada.

Não será tão pouco numa dezena de meses que se escolhem e preparam os representantes do desporto de todos os territórios do Império ultramarino, que se elabora um plano de competições e se consegue a cooperação de delegações estrangeiras.

Os problemas de tamanha grandiosidade não podem ser convenientemente resolvidos fora do conhecimento público; a sua divulgação, desde os primeiros estudos solucionatórios, é indispensável para que o resultado corresponda aos objectivos visados, gerando com larga antecedência ambiênte de interesse propício ao triunfo desportivo e popular das iniciativas postas em prática.

Convém não esquecer também que 1940 é ano olímpico, o que trás a obrigação de fixar para a primavera quaisquer organizações a que pretenda dar-se cunho de apuramento; mais uma razão em refôrço do nosso critério pois cada dia perdido na imediata preparação do programa desportivo das comemorações do Duplo Centenário, é uma probabilidade a menos para a garantia do seu êxito.

■

A temporada ciclista estreou-se há quinze dias com a Prova de Rampa organizada por "Os Sports» na calçada da Pimenteira.

O público de Lisboa acorreu pressuroso a aplaudir os seus prediletos e a corrida alcançou por isso a notoriedade que bem merecia apesar da ausência da grande maioria dos ciclistas melhor cotados.

Como invariàvelmente sucede em todas as épocas entre os corredores da categoria dos independentes, cuja amizade clubista se resume ao recebimento das mensalidades estipuladas nos respectivos contractos, registaram-se numerosas transferências, algumas delas sensacionais.

Pode afirmar-se que o esqueleto de todas as principais equipas sofreu profundas alterações.

Assim, o Desportivo Cuf perdeu o seu melhor homem, Cesar Luis, e substituiu-o pelo sportinguista Joaquim de Sousa que pela segunda vez atraiçoa as tradições do nome; o clube dos "leões», além dêste desertor viu ainda fugir Felipe de Melo, mas como adquiriu em contrapartida o direito aos serviços de Cesar Luis e José Albuquerque, o vencedor da última Volta, pode afirmar-se que nada peorou com as mudanças; finalmente o Benfica, conservando todos os seus elementos de valor e juntando-lhes Felipe de Melo, reconstruiu um núcleo representativo que pode sem desprimor equiparar-se aos mais fortes.

É caso para regozijo, pois o popular clube das camisolas encarnadas arrasta sempre atrás da sua representação uma corrente de interesse público da qual nenhuma modalidade desportiva pode prescindir sem prejuizo. Os seus atletas e os do Sporting asseguram com a sua rivalidade o progresso e a expansão de qualquer desporto.

O ciclismo enveredou de novo pelo caminho duma actividade crescente, que é a conseqüência da popularidade conquistada em anos transactos e mantida com esfôrço pela fidelidade dos grandes grémios e pela iniciativa de certas entidades particulares a cujo sacrifício persistente se deve a organização das provas mais influentes no espírito do povo.

Agora, desbravado o caminho, garantido o acolhimento entusiástico do meio, fica muito facilitado o interêsse do futuro desde que os dirigentes saibam manter a disciplina e a regularidade indispensáveis à estima e à confiança da opinião pública.

Quando as corridas em bicicletas não passavam de modestas e raras competições despercebidas da grande massa desportiva, os organizadores não abundavam e mais árdua e ingrata foi a missão dos que se empenharam em modificar êsse estado de coisas. A situação contemporânia é absolutamente diversa, e por isso não falta quem derive em proveito da propaganda própria uma parte do caudal de simpatias alimentado na nascente pelos esforços alheios.

É lei geral do mundo e, no caso em questão, a ninguém prejudica, com evidente vantagem para o desenvolvimento do ciclismo.

Os louros dêstes amigos, vindos depois do triunfo, é que não podem ser tão preciosos como aqueles a que têm direito os pioneiros das horas incertas.

Os efeitos da confiança que actualmente merecem as organisações ciclistas à opinião pública e a autoridade que ganham os dirigentes pela permanência nos seus cargos e pela disciplina na sua acção, estão já surgindo à evidência em diversos terrenos da vida desportiva.

Fazendo fé pelas notícias recentes da imprensa, o ciclismo português far-se-à representar na prova de estrada dos próximos Jogos Olímpicos, na Finlândia. É uma consagração merecida e uma decisão justificada pelo valor dos nossos amadores de bicicleta, cuja classe internacional não será melhor mas também não é pior do que nos ases doutros ramos desportivos que conseguiram já no entanto a honra da selecção olímpica.

Esperemos que tão grave problema seja encarado com o devido cuidado pelos responsáveis da velocipedia nacional, de maneira a assegurar aos seleccionados as melhores condições físicas e técnicas no momento oportuno.

SALAZAR CARREIRA.

As duas campeãs dinamarquesas Hveger e Soerensen bateram-se em Paris contra os nadadores franceses Pallard e Cartonnet; êste conseguiu a vitória sôbre a adversária, mas Pallard e Hveger concluiram empatos os 400 metros da sua prova

O campeonato de França da corrida de corta-mato foi ganho novamente por Lalanne (n.º 511), num percurso acidentado e longo de 15 quilómetros. No nosso país, quando o traçado de tais provas foje à monotonia da pista plana do jockey, aparece logo um técnico a clamar heresias

Um aspecto característico da Corrida de Rampa que inaugurou a temporada ciclista; Aguiar Martins, o futuro vencedor, conduz a prova seguido por Tálio Pereira que um desastre lamentável impedia de concluir o percurso

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 35

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguier (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição. Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A. Coimbra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 26

(Totalidade — 12 pontos)

QUADRO DE HONRA

Marcolim, Siulno, Rosa Negra, Morenita, M. A. P. M., Palmira Ferreira, Eusapesca, Mr. Moto, D. Pericles, Papa-Almudes, Aço, Bíscaro, Meio-Kilo, Copofónico, Erbelo, X-8 e X-9 — 12

QUADRO DE MÉRITO

Cavaleiro Branco, Ti-Beado, Sol de Inverno e Dama Negra — 11. Ramou Lácrimas, Francisco J. Courelas, Sevla, Agasio e Dóris I — 9. Mirna, Tarata, Vis-conde X, Anjo das Serras, Larabastro, Calaveras, J. Tavares, e Cigano — 7. Aristofanes e Neptuno — 6. Aocica e Aureolinda — 4

DECIFRAÇÕES

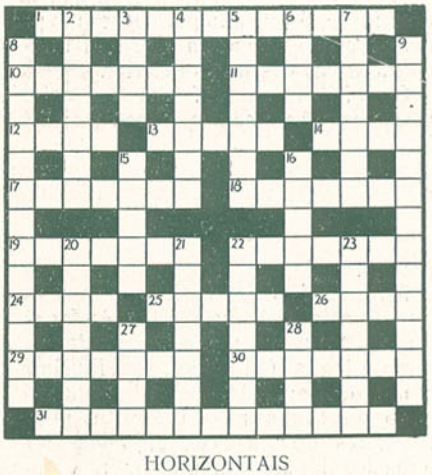
1 — Cabalmente. 2 — Orate. 3 — Meti. 4 — Amor-perfeito. 5 — Aprecativo. 6 — Prezador. 7 — Me(du)sa. 8 — Mur(mu)ro. 9 — Pa(chor)ra. 10 — Pa(va)no. 11 — Per(di)da. 12 — Dia (ou Lua) de São Martinho prova o teu vinho.

CONCURSOS TRIMESTRAIS

Com o presente número iniciamos o segundo torneio charadístico. Para apreciação dos trabalhos, insertos no que findou, vamos convidar alguns charadistas a emitir o seu parecer a-fim-de na devida altura efectuarmos a respectiva distribuïção de prémios.

PALAVRAS CRUZADAS

N.º 5



HORIZONTAIS

1 — Acto de descobrir. 10 — Quisília. 11 — Ocioso. 12 — Classe. 13 — Brando. 14 — Preceito. 17 — Quinta. 18 — Emendei. 19 — Tolher. 22 — Ajuntai. 24 — Ainda. 25 — Estremecido. 26 — Unes. 29 — Importunar. 30 — Movem. 31 — Entremês.

VERTICAIS

2 — Envolver. 3 — Silêncio. 4 — Sanctimonia. 5 — Unir. 6 — Páteo. 7 — Afligir. 8 — Acto nobre. 9 — Muito notável. 15 — Libré. 16 — Bico. 20 — Impostor. 21 — Boatos. 22 — Pansa. 23 — Entornai. 27 — Cear. 28 — Inocente.

Lisboa — *Mirna*

CORRESPONDÊNCIA

Dr. Sicascar, *Ti-Beado* e *Francisco Gomes da Cruz* — Luanda. — Acabo de receber as vossas cartas que muito agradeço. Em breve responderei. Calorosas saudações aos estimados confrades da longinqua plaga de Angola.

FALECIMENTO

Por informações, insertas na correspondência supra indicada, sabemos ter falecido em Luanda, nos princípios do mês transacto, uma filha extremosa de *Ti-Beado*, tia de *Dr. Sicascar*. A estes nossos distintos confrades e amigos enviamos um abraço de sentidos pêsames.

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFOS

1) Ó mulheres *repugnantes* — 1-9-2-5-3-8
p'ra que andais de perna ao léu?...
Não sabem, suas bacantes,
Que até fazem sombra ao Céu?...

E p'ra que são as *intrigas* — 5-6-8-4-9-7
Que vocês armam com ronha?...
Mulher's assim, figas, figas,
São mulheres sem vergonha.

Se eu tivesse a negra *sorte* — 7-3-8-1-2-9
De viver com tal femeaço
Antes queria que a *morte*
Me levasse no regaço.

Leiria — *Magnate* (*L. A. C.*)

A propósito de um adágio. Com vista ás mamãs que gostam que lhes beijem os seus bébés.

«Quem meu filho beija
«Minha bôca adoça».
(Adágio popular).

2) «Quem meu filho beija
«Minha bôca adoça».
Se a mãi o deseja...
Mas não lhe faz moça — 1-3-2-4

Que um beijo infectado
Vá contaminar
O filho adorado?
Que o vá *molestar*? — 3-4-1-3

Que louco desejo!
O *amor* maternal!... — 1-3-4-5
Quanta vez um beijo
Não abre um coval!...

Não vai combalir
A vida em botão;
Eivar, *destruir* — 3-4-1-3
O frágil pulmão!

A mãi que adorar
O seu tenro *herdeiro*, — 1-3-1-4
E não seja louca,
Deve-o *costumar* — 5-4-1-3
A furtar a bôca.

Aos beijos eivados,
(*Excepto* aos parentes) — 1-3-2-4
Ficam malcriados!...
Prefere-os *doentes*?

Lisboa — *Sileno*

CHARADAS ADITIVAS (Antigas)

Ao prezado confrade «Sileno», pedindo desculpa de abusar da sua paciência

3) Namorar por «gargarejos»
sem *arriscar* alguns beijos — 1
nesse rosto apetecido
do nosso amor?... Não, não vai
nisso o filho do meu pai
«dizia um rapaz sabido».
Pode ela ser um «colosso».
carne limpa, sem ôsso,
um formidável «peixão»!...
que não leva assim «à certa»
quem se «atira» de ôlho àlerta
«nas artes de D. João».

Tê-la, sim, bem junto a nós
a ouvir-lhe a dôce voz
num requebro enlanguescido,
com *viveza* e amor ardente, — 2
está certo e assim, sómente,
«o amor será divertido».

Talvês a sogra futura
nos mostre má catadura
c'uma tal exibição...
Porém isso é caso mero
e eu, *insisto*, só a quero
«se ela vive ao rez-do-chão!»

Lisboa — *Infante*

TRABALHOS EM PROSA

SINCOPADAS

4) Vou fazer uma *petição* ao *diabo*. 3-2.

Lisboa — *Castela* (*T. E.*)

5) O meu *farnel* vai dentro de um lindo *saco de coiro*. 3-2.

Lisboa — *Alvarinho*

(Retribuindo ao confrade Alguém)

6) É *superficial*, quási sempre, o *amor* de uma mulher. 3-2.

Lisboa — *Sinlmo* (*T. E.*)

7) Um *patife* nunca dá boa *paga* a quem o serve. 5-4.

Abrantes — *Oacica*

8) *Dirige* ao crime o mau *instigador*.

Lisboa — *Nuninho*

9) Quem gosta de *mentir* não pode *ter o dom de palavra*. 3-2.

Vila Serpa Pinto — *Dr. Sicascar* (*T. E.-L. A. C.*)

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo**, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

10) GEROGLIFO SIMPLES

(Enigma figurado)

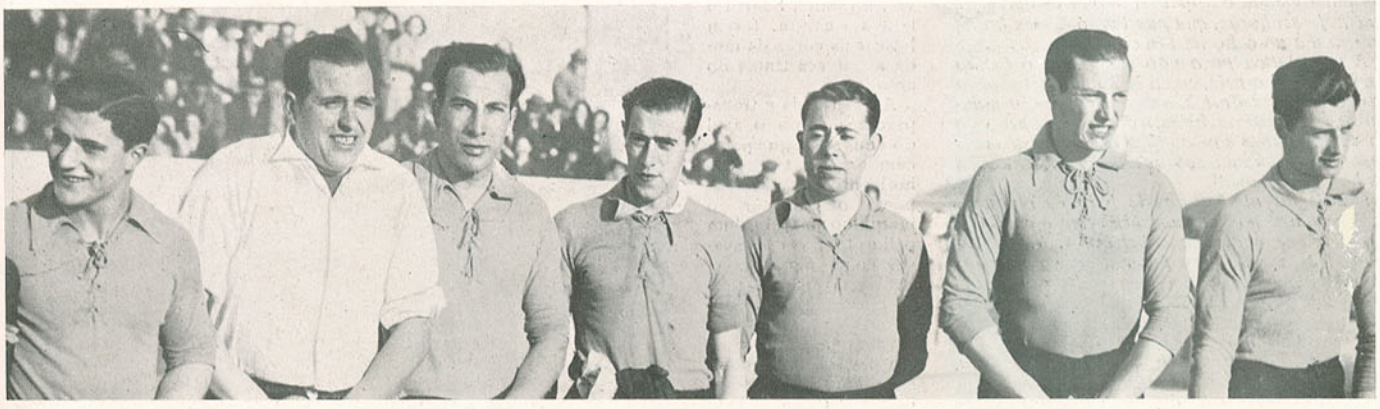
Leiria — *Magnate* (*L. A. C.*)

Verificável nos Lusíadas

ECOS DA QUINZENA

A bailarina Josephine Baker, de passagem por Lisboa, quis satisfazer o capricho de comer bacalhau guizado numa casa de pasto típica do Bairro Alto. A gravura acima mostra a famosa vedeta entre as suas duas secretárias erguendo uma saudação a Portugal

O Chefe do Estado, acompanhado pelo sr. ministro da França em Lisboa, na sua visita à Exposição comemorativa do bi-centenário da Manufactura de Sévres, inaugurada numa das salas do Museu Nacional de Arte Antiga. — *Á direita:* O almirante Gago Coutinho falando ao microfone da Emissora Nacional, momentos antes da sua partida para o Brasil



A selecção nacional de hockey em patins que parte brevemente para Montreux, onde vai disputar os campeonatos da Europa e do Mundo. Da esquerda para a direita: Mendes, Adrião, Lopes, Leonel, Bernardino, Sidónio e Oliverio que se apresentou na Parede no decurso de um festival promovido pela Federação Portuguesa de Patinagem

DESDE a época pagã da Grécia até aos nossos dias nunca a humanidade e principalmente a mulher, viveram uma tão completa idolatria do seu corpo, como actualmente nêste século de luz, em que pareceria natural, que o espírito se levantasse muito mais alto do que a matéria, tão cheia de misérias, do corpo humano.

É natural e é mesmo uma obrigação de tôda a mulher de se enfeitar, de procurar ser mais bonita, por todos os meios ao seu alcance.

O arranjo que deve fazer todo o possível por reunir no seu confortável lar, lugar de repouso do marido, dos filhos, de tôda a família, deve estender-se à sua própria pessoa, porque não se compreende numa casa bem posta, uma mulher desleixada e que seja o contraste com o ambiente.

O coquetismo da mulher é uma homenagem a quêm a rodeia, no desejo de agradar, que traduz, e, que deve ser recebido com o agrado que todo o esfôrço merece.

Mas entre o arranjo e mesmo a garridice e, a louca idolatria do corpo, que ocupa tôdas as horas do dia, vai a distância tão grande que separa a mulher suja e desprezível, da mulher aceada e prezada que no dizer popular, é um bochecho de água.

Porque a verdade é que numa época em que a mulher estuda e trabalha, não se compreende que haja senhoras, que passem tôdas as horas do seu dia no culto do seu corpo.

A ginmástica para não engordar, o banho para amaciar a pele, como se não bastasse para isso o indispensável banho de limpeza, a máscara para evitar as rugas, a demorada operação da «maquillage» com a difícil operação de colar pestanas e diminuir sobrancelhas, tomam tôdas as horas da manhã.

Depois do almôço aquela hora de repouso, indispensável para tornar brilhante a cutis mimosa, e, se é dia de cabeleireiro, lá se vão umas três horas, para fazer a permanente e o complicado penteado, sem se lembrar que muitas vezes com as pinturas que dão ao cabelo a côr da moda arruinam por completo a mais formosa e brilhante cabeleira.

À noite novos trabalhos de preservação a essa beleza e a devida conferencia com a modista, a casa de chapéus e o sapateiro, puzeram tôdas as horas do dia ao serviço do corpo.

Isto sem falarmos dos tratamentos para adelgaçar os tornozelos, preservar ou desenvolver o seio, e, mil outros que requerem o tempo.

É que tempo ficou à mulher para aperfeiçoar a sua alma e ornar o seu espírito? Nenhum.

Porque o repouso depois de tantas canceiras é absolutamente indispensável e a mulher que hoje dedique a sua vida a ser bela, não tem tempo de ler uma linha, nem procurar aumentar as qualidades que Deus lhe deu.

Nem mesmo poderá ser uma bôa dona de casa, porque não tem tempo para isso.

E o que consegue no fim de tanto trabalho? Ser uma boneca, artificial, feita de novo, dos pés à cabeça, sem interêsse espiritual e que será derrotada na vida, pela primeira mulher interessante e natural, que o destino lhe coloque em frente como rival. Ser bonita é um encanto dos maiores para a mulher, mas não é tudo e é necessário para a sua felicidade, a do homem que a escolher e a dos filhos que tiver, se consentir em deformar ainda que temporariamente o ídolo pagão, que é o seu corpo, que tenha qualquer coisa no cérebro e no coração, que a façam não uma boneca, mas sim uma mulher.

Nesta época em que depois de tantas lutas a mulher viu abrirem-se lhe as portas da intelectualidade nas Universidades e as da sociedade em todos os ramos da actividade humana; não se pode admitir que as publicações femininas reservem às suas melhores e mais numerosas páginas, senão tôdas à cultura da beleza e do corpo.

E se folhearmos as revistas femininas de há vinte anos, há trinta, há cinquenta anos, nós veremos que nelas há menos futilidade, menos banalidade, menos preocupações inferiores, do que nas revistas femininas desta época de adiantada progresso.

E quando por um acaso como me sucedeu, folheamos essas revistas e as confrontamos com as que hoje estão sôbre as mesas das «bandoirs» femininas, para serem folheadas nos rápidos instantes livres, temos a confrangedora impressão, que se a mulher aumenta em ciencia física de tratar o corpo, tem diminuido muito em intelectualidade.

Mas felizmente não é assim, porque a par da mulher frívola e artificial, nós temos hoje figuras de mulher de levantado moral, que dedicam a sua vida a obras de infinita caridade e outras que ocupam o seu cérebro em pensar e trabalhar para maior bem da humanidade e cujas cabeças não são apenas mostruários de cabeleireiros.

Que a mulher se cuide, se enfeite, se vista com gosto, mas que não se esqueça, que é gente e não boneca.

MARIA DE EÇA.

A MODA

A primavera triunfante traz-nos a moda garrida das côres. Este ano os grandes creadores da moda parisiense esses nomes que ecôam pelo mundo de Maton, Jeanne Gauvin, Mirande, Suarth e tantos outros, foram buscar as côres da moda ás suaves tintas do arco-iris.

Azuis tenuis e transparentes como o azul do céu, rosas que parecem as que tingem o horizonte quando desponta o dia, côr de junquilho amarelo, dum pálido tom, verdes suaves como águas espelhadas ou pedras preciosas, e, o branco para tudo e em tudo.

O branco em algodão, em linho, em lã, em seda, em tule e rendas, essa côr que fica bem em todas as idades, desde os primeiros meses aos últimos anos.

A primeira côr que a criança veste e a última que não briga com uma cabeleira branca

Esse branco que madame Adam tornou encantador nos últimos anos de sua vida e que vestiu a Rainha Izabel da Romênia a brilhante Carmen Sylva até aos últimos dias e até á morte.

A blusa reaparece e vêem-se blusas em tudo, e, muito a blusinha branca tão fresca e mimosa, tão bonita sempre. Blusas simples para vestir com os fatos alfaiate, blusas de «toilette» em rendas, setim, e «lamés». Blusas para todas as horas e tão práticas, no variar de «toilette» sem ser preciso ter imensos vestidos, o que a época difícil que atravessamos, não permite ter a muitas senhoras.

A moda é feita de mil pequenas coisas e hoje ocupar-nos-hemos dos detalhes de tão grande importância no conjunto duma «toilette» «chic».

Começaremos pelo chapeu que é sempre importante porque a senhora que põe um chapeu bonito e que lhe fica bem, pode ter a certeza que está sempre bem.

Têm as nossas leitoras um lindo chapeu em «taffetas» preto pespontado género «canotier», feitio que vai estar muito em voga êste ano, guarnece-o uma camélia em veludo branco, que prende o longo véu, que será colocado segundo o gôsto de quem o usar. Uma linda camélia da mesma côr remata a gola do vestido e forma êsse conjunto harmonioso, que hoje preside no vestuário feminino e que tanto encanto lhe dá.

As luvas chamam também a atenção da mulher e ha alguns anos que a luva se tornou garrida, com os seus canhões guarnecidos e enfeitados, e ultimamente com as côres, que se assemelham ás dos vestidos, ou pelo menos nos chapéus, ou a qualquer detalhe do trajo.

A primavera traz-nos já as luvas frescas que êste verão terão o maior sucesso, luvas em renda, que nos fazem lembrar os «metaines» de nossas avós e luvas em «crochet» em rêde, em variadíssimos tecidos. Damos hoje um lindo modêlo dessas luvas, que usadas por uma das maiores belezas de Inglaterra que os seus olhos verdes tornaram célebre, tem um maior atrativo.

O penteado retomou o seu antigo aspecto de

obra prima e a mulher moderna tem hoje a cabeça artística e feminina que a embeleza ao máximo.

Damos hoje um lindo modêlo de penteado apresentado por Joan Bennet, que arranjou com a maior arte os seus célebres cabelos loiros «cendré», côr natural, que aumenta a formosura da bela artista. Como guarnição laços de setim preto e setim branco, moda que se está divulgando, a de guarnecer com flores e fitas o penteado.

Não há mãi que não se preocupe com o vestuário de suas filhas e muitos têm sido os pedidos, para apresentarmos modêlos infantis, ao que gostosamente acedemos e hoje damos uma simples «toilette» infantil muito prática e graciosa, que pode ser usada em passeio ou na escola porque não é uma «toilette» frágil.

Saia em fazenda xadrez, plissada, com o chamado plissado «soleil». Jaqueta em fazenda azul escura abotoada á frente com algibeiras das chamadas de desporto e uma golinha em «piquet» branco. Qualquer pequenita ficará gentilíssima com êste modêlo.

MULHERES ESPANHOLAS DE HOJE

No princípio do movimento nacionalista em Espanha, fazendo as mais violentas perseguições assaltavam e torturavam os franquistas que ousavam manifestar a sua simpatia pelo movimento libertador, foi constituido o primeiro grupo feminino da Falange, com sete senhoras!

Pilar Primo de Rivera a mais autorizada e a mais altiva, que tomou com a maior energia a direcção do pequeno grupo, ordenou, que na próxima assembleia as quadras fôssem pelo menos duplicadas, senão triplicadas.

Hoje a Falange Espanhola Feminina Nacionalista conta trezentas mil inscritas, que guiadas por Pilar Primo de Rivera trabalham admiravelmente nos hospitais e nos asilos e por toda a parte onde são necessários os seus serviços.

E são graciosas e alegres essas raparigas que desde a primeira hora se puzeram ao lado dos salvadores da sua Pátria, e, que corajosa e galhardamente ostentam ao peito o seu emblema, que as assinala aos olhos torvos dos que têm sentimentos vermelhos como o sangue que derramaram.

O AMOR NO CINEMA

É interessante notar de ano para ano a diferença de tipos, que os filmes nos vão apresentando e sobretudo a modificação que se tem acentuado na maneira de amar dos galãs do «écran».

Ao princípio do cinema e ainda não há muitos anos os galãs eram dum grande sentimentalismo quasi romântico, as cenas de amor intermináveis eram o fundo do filme, o seu maior encanto para algumas das espectadoras.

Pouco a pouco as coisas fôram mudando e segundo um conhecido jornalista italiano essa mudança deve-se ás raparigas de agora, que em vez de lacrimejar nas cenas amorosas dum sentimentalismo piegas, desatavam gargalhadas deante das declarações de amor feitas de joelhos e se aborreciam com esses intermináveis beijos, o que vem provar que apezar do mal que se diz sempre da mocidade elas têm os nervos mais equilibrados e um maior senso das conveniências e do que é inútil para tornar interessante um filme. O galã moderno tem de ser sentimental com uma certa alegria que é juventude e fôrça e que não é pieguice, tem de ser um bom volante não só em terra como no ar e tem de saber ter um certo humorismo que não exclui sentimento mas torna graciosas e leves as cenas de amor.

Os assuntos também se têm modificado muito e certamente é ainda influência da gente nova, o tema romântico que ocupava 50 % dum filme de há anos ocupa hoje 5 % e os filmes de sucesso são os filmes históricos ou aqueles que têm movimento e imprevisto sem lhes faltar naturalmente êsse pequeno enrêdo romântico, que os torna interessantes sem serem piegas.

É que mesmo na vida as coisas têm mudado e os amores lacrimosos e chorados do tempo de Lamartine, não existem, e, ainda bem, porque nada há de mais criminoso do que ensombrar a alegria da mocidade, com inúteis e incompreensíveis choras.

O amor deve ser alegre, para iluminar a vida que se lhe abre como uma felicidade que o espera.

HIGIENE E BELEZA

Ha senhoras que cuidadosissimas com a sua beleza, usando «maquillage» e penteados do mais artistico e moderno gosto, desprezam pequenos detalhes do seu estado de saude, que são da maior importância, não só para a saúde como também para o agradável da sua convivência.

Uma dessas coisas que muito prejudica o encanto da mulher é o mau cheiro do nariz. Logo que após uma constipação se note esse cheiro deve fazer-se uma irrigação nasal com a seguinte loção: Bicarbonato de soda 2 gramas, água oxigenada 30 gramas. Em seguida aplicar esta pomada. Mentol 0,30 gramas, ácido bórico 2 gramas, vaselina 30 gramas. Se depois de ter feito três dias êste tratamento não houver modificação no estado do nariz deve procurar-se um especialista de fossas nasais, pois deve tratar-se de qualquer doença, que necessita de rigoroso tratamento.

O encanto da mulher reside mais no estado perfeito da sua saúde, do que no embelezamento artificial, que tão cuidado é, havendo muitas vezes desleixo nas regras de higiene.

RECEITAS DE COZINHA

Sopa de pepinos e vagens: É êste um bom petisco e muito útil nas dietas vegetarianas.

Embebem-se 150 gramas de miolo de pão num copo de leite quente e deixa-se amolecer: Misturam-se 30 gramas de manteiga e 25 gramas de farinha; mexe se sôbre lume brando durante alguns instantes, deita-se-lhe 7 decilitros de leite quente, 12 gramas de sal uma pitada de pimenta e um pouco de noz moscada.

Logo que começa a ferver junta-se-lhe o miolo de pão amolecido e deixa novamente ferver, um pouco retirado do lume. Descasca-se um bom pepino (600 gramas de pêso pouco mais ou menos) corta-se muito fino deita-se numa caçarola com água temperada com sal, deixa-se ferver 8 minutos, depois escorre-se o pepino e deita-se-lhe 50 gramas de manteiga, fervendo 5 minutos.

Em seguida deita-se o pepino no môlho já feito e ferve 35 minutos. Cortam-se em bocados 70 a 75 gramas de feijões verdes cozem-se em água com sal. Passa-se a sopa num coador juntam-se-lhe 3 decilitros de leite para engrossar até ao ponto que se deseje, ferve por alguns minutos e depois de tirada deitam-se duas gemas de ovos, 50 gramas de manteiga e os feijões bem escorridos.

DE MULHER PARA MULHER

Daisy: O clássico «tailleur» usa-se sempre, mas êste ano vê-se muito mais o género de «tailleur» fantasia, a saia rodada e o casaco muito justo na cintura. Sou de opinião que qualquer objecto em prata, não é mais caro e dá sempre um aspecto de melhor lembrança para os noivos.

Fldvia: Como não quer engordar com a vida que faz? Levante-se cedo, dê um passeio a pé antes do almôço, faça um pouco de cultura física e não coma dessa maneira. Prefira os vegetais e as frutas e como tempêro o azeite e verá que deixa de engordar o que só lhe trará vantagens. Os bolos em excesso também são proibidos. Siga êste sistema e verá o resultado que tira.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — A. 2
Copas — — — —
Ouros — 3, 2
Paus — A. 3, 2

Espadas — — — —	N	Espadas R.
Copas — — — —	O E	Copas — A. R.
Ouros — A. R. D. V.		Ouros — — — —
Paus — R. D. V.	S	Paus — 9, 8, 7, 6

Espadas — 5, 4, 3
Copas — 3, 2
Ouros — — — —
Paus — 10, 4

Trunfo espadas. **S** joga e faz 6 vasas.

(Solução do número anterior)

N joga 2 *c.*, **S** corta de 2 *c.*
S » 3 *c.*, **O** não pode baldar-se a copas (a), balda-se a ouros.
N joga 2 *o.*, **E** — 8 *p.*, ou V *o.*
S » 3 *o.*, **N** — A *o.*
N » A *o.*, **S** — 3 *p.*
N » 3 *c.*, **S** — 4 *c.*
S » 5 *c.*, **O** — 10 *p.*, **N** — 4 *c.*, **E** não pode defender paus e ouros.
(a) Se **O** se balda a 10 *p.*, **N** — 2 *p.*
S joga 3 *p.*, **N** — A *p.*
N » A *c.*, **E** — V *p.*, ou 9 *o.*
N » 3 *c.*, **E** — 9 *o* ou V *p.*, **S** — 4 *c.*
S » 5 *c.*, **O** — 10 *o.*, **N** — 4 *c* e **E** não pode defender ouros e paus.

A curiosidade

Uma multidão enorme se reüniu, em Blackpool, na Inglaterra para vêr um casamento. E não vão julgar que fôsse o casamento dalguma celebridade, dalgum príncipe, dalgum herói, ou que a noiva fôsse a mais rica herdeira do mundo! Nada disso.

Mas juntaram-se mais de dez mil pessoas para vêr casar dois pequeninos entes de vinte e sete e vinte oito anos. Era um homem com 1m,10 de altura que desposava uma mulher com 1m,05 e toda a comitiva tinha menos de 1m,10 de altura.

Esses anões e anãs formavam uma *troupe* de circo, que ali estava trabalhando.

Os noivos eram ambos alemães, o que é mais extraordinário, visto êste povo ser de estatura alta e forte.

Nos países tropicais há uma planta muito vulgar chamada a planta que tosse. Se lhe pousa alguma poeira sôbre as fôlhas, os seus orgãos respiratórios incham dando, depois, lugar a uma ligeira explosão, que parece exactamente um discreto ataque de tosse.

De quantas maneiras?

(Problema)

7 2 16 9 17 5 20

Com os sete números que acima se vêem é possível obterem-se certas somas por mais duma maneira diferente. Por exemplo: 7, 9 e 17 somam 53, 16 e 17 também somam 33.

De quantas maneiras se pode somar 27? De quantas maneiras se pode somar 30? e 36? e 39? e 42?

Dinheiro trocado

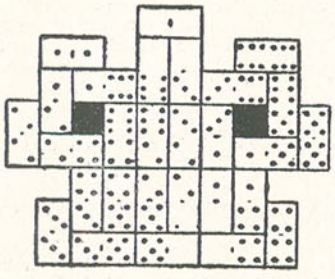
(Solução)

Eis uma forma de colocar as moedas:

50 c.	20 c.	10 c.	5 c.
5 c.	10 c.	20 c.	50 c.
20 c.	50 c.	5 c.	10 c.
10 c.	5 c.	50 c.	20 c.

Paciência de dominó

(Solução)



Uma dança nova

Apareceu há pouco em França uma nova dança, com o nome de «chamberlaine», em homenagem ao primeiro ministro inglês. Apresentaram-na num baile em Biborel-les-Rouen, os srs. Malzar de Jonas, pertencentes a uma sociedade de músicos amadores, e consta do seguinte:

Enquanto a orquestra toca um «one-step» e os pares dançam, um cavalheiro sem par, passeia pelo meio deles com um guarda-chuva no braço direito. Escolhe uma das damas que estão dançando e, para a roubar ao seu par, pendura o guarda-chuva no braço dêste último, o qual, para poder dançar novamente tem, por sua vez, de fazer o mesmo.

Mais um anel

Como se sabe, é uso o noivo oferecer um anel á noiva por ocasião do pedido em casamento, seguido depois, da aliança conjugal. Agora, uma idéa recente, consiste em oferecer um terceiro anel para comemorar o nascimento do primeiro filho.

A pedra será um rubi, se a criança fôr rapaz e uma safira, se fôr menina. Este anel deve ser usado no segundo ou terceiro dêdo da mão direita.

Que animal será?

(Passatempo)

Decalquem estes pedaços informes, colem-nos em cartão e depois de os colocarem devidamente de encontro uns aos outros, verão aparecer, outra vez são e escorreito, o animalzinho que assim fôra despedaçado.

Transfusão de sangue animal

Acaba de tentar-se uma na América, no hospital veterinário de Denker.

Um gato deu o seu sangue por um camarada que poude assim ser salvo.

Como teria êste último provado o seu reconhecimento áquele?

O éco mais sensacional que se conhece, encontra-se em Genetay, perto de Ruão, no pátio duma grande quinta. Se uma pessoa se colocar no meio dêsse pátio e se puzer a cantar, ouvirá apenas a sua própria voz, mas aqueles que estiverem em volta não ouvem essa voz na realidade, mas sim a do éco com variantes e multiplicações maravilhosas.

Luizinha (rezando): *«...e abençoai meu Deus, a mãezinha, o paizinho, o tio José, a tia Amélia... e os meus outros animaizinhos todos».*

(Do «The Novel Magazine»).

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1938

Esc. 21.045.116$72

Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM

A

SAGRES

Capital e reservas em 31-12-1938

Esc. 15.863.803$97

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM

A

SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edificio próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde

Esc. 15$00

Pelo correio à cobrança, **Esc. 17$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS

Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES, DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado ..... **15$00**

Pelo correio à cobrança ..... **16$50**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ÀS MÃES PORTUGUESAS

Acaba de aparecer, refundida, ampliada, actualizada, a 4.ª edição de

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

pelo DR. SAMUEL MAIA

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a côres

1 vol. de 368 págs., broc., **Esc. 15$00**; *enc.,* **Esc. 20$00**

Pelo correio, à cobrança, mais 1$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR
QUE NÃO AFECTA
A GARGANTA

DOUBLE $60
Simples $30

Unicos importadores

CASA HAVANEZA—LISBOA

Á VENDA

DESPORTOS
EDUCAÇÃO FÍSICA
E ESTADO

PELO DR. EURICO SERRA

1 vol. de 140 págs., broch. ..... **8$00**
Pelo correio à cobrança ..... **9$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

À venda o 4.º milhar do romance de

AQUILINO RIBEIRO

MÓNICA

História duma rapariga lisboeta

1 vol. de 312 págs., broc., **Esc. 12$00**; enc., **Esc. 17$00**
Pelo correio, à cobrança, mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena raínha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segrêdo de um berço
A vila das pombas
O calvário duma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . **Esc. 8$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A VERDADEIRA HISTÓRIA E VIDA DA

SEVERA

(Maria Severa Onofriana)
1820-1846

POR **JÚLIO DE SOUSA E COSTA**

Apontamentos e notícias para a sua história — Casos interessantes em que intervieram personagens de destaque — A vida na Mouraria — A boémia dourada — A Severa, cantadeira e poetisa — Alma generosa, embora mulher perdida — O retrato da «Severa» — Doença e morte — Vala comum

1 vol. de 208 págs. com um retrato da Severa, **Esc. 8$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 8$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

INTELIGÊNCIA

MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL

Esc. 4$00

VIVER!

Mensário de Saúde, Fôrça e Beleza

Esc. 4$00

Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de **Dr.ª Sára Benoliel** e **Dr. Edmundo Adler**, com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire** e com a colaboração do **Dr. Heitor da Fonseca.**

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

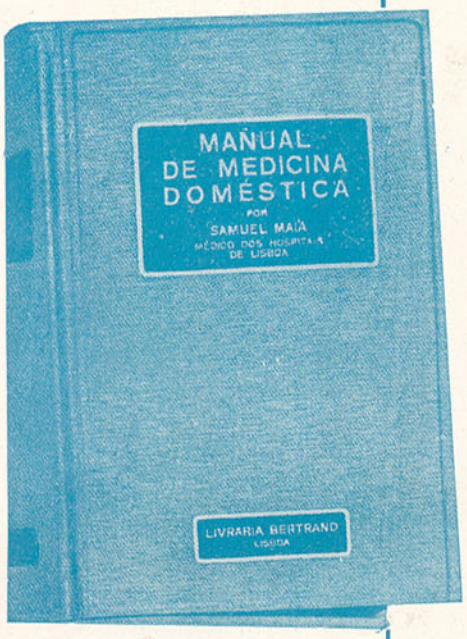
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência,** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente,** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA,** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

A RISOTA

Semanário humorístico

De cada vez maior a procura e sucesso da **A RISOTA,** — o jornal humorístico que a todos fará rir, que a todos dará, semanalmente, algumas horas de boa disposição, de desopilante passatempo. Vem trazer a todos — velhos e novos, homens e senhoras, ricos e pobres — a alegria, com a sua graça apropriada, com as suas caricaturas da mais flagrante actualidade, com o seu comentário sarcástico ou ridículo, com a sua piada a tempo, e, sobretudo, com o maior desejo de fazer esquecer aos seus leitores as horas amargas da vida.

Vem, pois, **A RISOTA,** fazer-vos rir, à valentona. E vem alegre, atraente, trazida pela mão do escol mais brilhante, de artistas e escritores humorísticos.

E assim **A RISOTA,** dirigida por um poeta-artista, Augusto de Santa Rita, dar-vos-há os desenhos dos consagrados: Almada Negreiros, Arnaldo Ressano Garcia, Leal da Câmara, Arlindo Vicente, Amarelhe, Hugo Sarmento, Zeco, Arcindo Madeira, etc. A prosa e o verso serão dos brilhantes escritores: Tomás Ribeiro Colaço, Augusto Cunha, Armando Ferreira, Mário Marques, Luís de Oliveira Guimarães, Castelo de Morais, José de Oliveira Cosme, Cardoso Marta, D. Tomás de Almeida, Anibal Nazaré, António Santos (Antonito), José Castelo, etc.

Oito páginas, a côres, publicar-se-há tôdas as **segundas-feiras, custando apenas 1$50**

A' venda em tôdas as livrarias, tabacarias, gares de caminho de ferro, postos de venda de jornais e nas ruas por todos os vendedores

COMPREM, LEIAM, DIVULGUEM

A RISOTA

ARTE E ALEGRIA

Façam imediatamente as suas requisições à

Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 em **LISBOA**